A Liahona
28/11 novembro 1975

Edição Especial: Os Santos de Hong Kong, Taiwan (Formosa), Japão, Coréia e Filipinas

A Liahona 28/11 novembro 1975

1 **Mensagem da Primeira Presidência: Proclamai Arrependimento a Este Povo** — Presidente Spencer W. Kimball

4 **Amigos nas Filipinas** . . . . . .

5 **Conferências de Área** . . . . . Larry Hiller

11 **Hong Kong, a Pérola do Oriente** . . .

13 **Taiwan — Picos Escarpados e Fé Inabalável** . . . . . Janice Clark

15 **De Um Amigo para Outro — Mamãe Ganhou um Filho Melhor** . . . . . Élder Adney Y. Komatusu

17 **Só Para Divertir** . . . . . .

18 **Japão — A Luz do Evangelho na Terra do Sol Nascente** . . . . . Kan Watanabe, Kiyoshi Sakai, Shuichi Yaginuma, Mildred E. Handy e Grace Vlam

22 **Coréia — A Fênix do Oriente** . . . . .

25 **Filipinas, As Ilhas do "Bayanihan"** . .

Capa: Pintura de Roger Gylling

Pág. 11

Pág. 13

Pág. 18

Pág. 22

Pág. 25

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO
Robert D. Hales
O. Leslie Stone
Neal A. Maxwell
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Designer

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"
José B. Puerta, Editor Responsável
José G. F. da Silva, Editor Nacional
Francisco J. P. Souza,
Bruno Reback, Fotógrafos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 20,00;** para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 2,00; exemplar atrasado: Cr$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do International "Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, italiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontaneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Mensagem da Primeira Presidencia

Proclamai Arrependimento a Este Povo

Discurso proferido na sessão vespertina de domingo, 6 de abril de 1975, da 145.ª Conferência Geral Anual.

Presidente Spencer W. Kimball

Vemos a história de Sodoma, Gomorra e Babilônia repetida na vulgaridade e pornografia de hoje.

Queridos irmãos, estamos nos aproximando do término desta conferência anual a que estivemos presentes e, espero que a tenhamos apreciado.

Durante esta conferência, ouvistes muitos belos testemunhos e sermões vigorosos. Esperamos que a audiência — que poderia ser de milhões — tenha nos ouvido com coração puro e mente receptiva, e que alguns deles sintam o desejo de unir-se a nós nesta imensa congregação que agora se conta aos milhões.

Sabemos que o Evangelho é verdadeiro. Testificamo-lo ao mundo inteiro. Esperamos que ponham de lado quaisquer preconceitos ou conceitos errôneos que possam ter tido, e venham ao aprisco de Jesus Cristo, onde ele é encontrado em sua pureza e integridade.

Durante esta conferência, os irmãos falaram sobre muitos assuntos; e no todo, cobriram praticamente todos os princípios fundamentais do Evangelho de Jesus Cristo.

Na entrevista coletiva à imprensa, poucos dias atrás, os jornalistas me perguntaram: "Qual a situação existente em nossa sociedade hoje, que mais o preocupa?" Já havíamos discutido o problema do crescimento, pois estamos nos expandindo tão depressa, que se torna um pouco difícil manter a liderança à frente do povo; mas somos gratos que estamos fazendo progressos.

Refletindo rapidamente sobre esse assunto, tentei responder à pergunta e recordei o tempo em que a liderança do mundo se sediava em Assíria e Babilônia. Lembrei a história de Belsazar, no Velho Testamento, — mencionada pelo Presidente Romney na reunião do Sacerdócio ontem à noite — filho e sucessor do famoso Nabucodonosor, rei da Babilônia, e último soberano a reinar, antes da conquista de Ciro, o Grande. Lembramos o sacrilégio de Nabucodonosor ao profanar o sagrado Templo de Salomão, em Jerusalém, e despojá-lo de muitos preciosos vasos sagrados. Fiz notar que Belsazar, o rei, ofereceu uma grande festa a um milhar de seus nobres; e bebeu vinho diante dos mil e com os mil. Alimentar mil pessoas num banquete é tarefa realmente hercúlea.

Não satisfeito com o roubo dos vasos de ouro e de prata que seu pai tirara do santo templo, já dedicados ao Senhor para seus propósitos, Belsazar encheu-se de vinho inebriante e convidou ao seu palácio não só os mil grandes, como seus príncipes, suas mulheres e concubinas. Seus convidados comeram e beberam, provavelmente brindando seus deuses de ouro, de prata, de cobre, de ferro, de madeira e de pedra. (Vide Dan. 5:1-4)

Imaginei se a história não se estaria repetindo, ao ponderar e pensar nas condições do nosso mundo de hoje e sua permissividade. Lendo os jornais hoje em dia, penso ver certas similaridades impressionantes e assustadoras entre as duas épocas. Leio sobre grandes banquetes em muitos lugares, com numerosos líderes comunitários e sociais e muita gente influente. Leio a respeito de grandes personalidades e suas mulheres e concubinas. Vejo notícias de suas bebedeiras, extravagâncias e imoralidades — seu opróbrio — e então digo a mim mesmo: "A História se repete."

Aborrece-me tanto discutir a situação moral em nosso mundo. Mas li em Doutrina & Convênios, onde o Senhor diz: "Pregai somente arrependimento a esta geração; guardai os meus mandamentos e auxiliai a trazer à luz a minha obra, de acordo com os meus mandamentos. . ." (D&C 6:9)

Depois diz ele: "E como se alegra ele com a alma que se arrepende!

"Portanto, sois chamados para proclamar arrependimento a este povo." (D&C 18:13-14) Quando os primeiros santos iam para o Missouri, seus líderes receberam esta palavra do Senhor:

"Que preguem pelo caminho e em todos os lugares testifiquem quanto à verdade, e ao arrependimento convidem o rico, o soberbo, os humildes e os pobres.

"E, se os habitantes do mundo se arrependerem, que edifiquem igrejas." (D&C 58:47-48)

E assim, penso eu e temo, é o dia do arrependimento — o dia para o povo fazer um balanço de sua situação e mudar de vida onde for necessário.

Os líderes de hoje receberam o mesmo mandamento que outrora o Senhor deu diretamente a Simão Pedro: "Portanto, eu vos dou o mandamento de irdes entre este povo dizer-lhe, como meu apóstolo da antigüidade, cujo nome era Pedro." (D&C 49:11) Vejo que Pedro, o apóstolo, admoestava constantemente o povo a purificar sua vida e arrepender-se de suas transgressões.

"Amados", dizia ele, "peço-vos. como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma;

Tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem." (1 Pedro 2:11-12).

Leio sobre a prática usual de ligações íntimas entre homens e mulheres não casados que proclamam bem alto, constantemente, que o casamento não mais é necessário. E visivelmente, quase sem pejo, vivem juntos, em parceria sexual, sem casamento. Teria Deus mudado suas leis? Ou terá o homem sem fibra, irresponsável e presunçoso, ousado alterar as leis de Deus? O pecado já não existe? Teria o demônio reinado no coração dos homens somente no passado longínquo?

Abraão sabia que as cidades das planícies — Sodoma, Gomorra e outras — eram iníquas, abrigando um povo malvado e ímpio que perguntava como Caim: "Quem é o Senhor para que eu o conheça?" (Moisés 5:16) Ele sabia que era iminente a destruição daquelas cidades; porém, em sua compaixão pelos semelhantes, implorou ao Senhor: "Se porventura houver cinqüenta justos na cidade", não pouparás os outros por causa deles? (Vide Gên. 18:24) Atendido em seus rogos, Abraão voltou a implorar que as cidades fossem salvas, se dentro delas se encontrassem quarenta e cinco, ou quarenta ou

trinta ou vinte ou até mesmo dez; mas, evidentemente, não havia sequer dez justos naquelas cidades depravadas. (Vide Gên. 18:24-32)

As maldades prosseguiram. O pecado estava por demais arraigado neles. Riram e fizeram troça da destruição. Continuavam as transgressões pelas quais Sodoma era certamente conhecida. Na verdade, o povo quis se aproveitar dos homens puros e angélicos que tinham visto entrar na cidade. Os depravados insistiram e teriam arrombado a casa para pôr as mãos neles. (Vide Gên. 19:4-11)

Abraão fez todo o possível para salvar a cidade, mas ela se tornara tão depravada e devassa, que era impossível salvá-la.

"Então o Senhor fez chover enxofre e fogo desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra;

"E derribou aquelas cidades, e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra." (Gên. 19:24-25).

Novamente vemos a História se repetindo. Quando observamos a pornografia, as práticas adúlteras, o homossexualismo campeando, a libertinagem e permissividade de uma proporção visivelmente crescente do povo, dizemos que voltaram os dias de Satanás e a história parece repetir-se.

Vendo a depravação de muita gente da nossa própria sociedade, em sua determinação de impor aos demais exibições vulgares, comunicações obscenas e práticas antinaturais, imaginamos: Satanás estará estendendo sua mão perversa e maligna para apossar-se do povo desta terra? Não teremos gente boa em número suficiente para erradicar os males que ameaçam nosso mundo? Por que continuamos transigindo com o mal e por que continuamos tolerando o pecado?

Recentemente, encontrei uma declaração da presidência da Igreja no passado, mais ou menos de meu sexto predecessor, da qual gostaria de ter lido grande parte, pois nos faz lembrar de que Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre. Os mandamentos que deu aos profetas de outras eras, aos profetas da época do Salvador e aos de hoje, fazem-nos entender plena e conclusivamente que Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre.

Não cremos em situações inelutáveis; não concordamos com as pessoas que pensam que estes tempos são diferentes; que esta é uma outra época; que o povo é mais esclarecido; que aquilo era para os velhos tempos. O Senhor sempre se aterá às palavras dadas através dos séculos, e espera que os homens se respeitem a si próprios, e às suas mulheres, e que as mulheres respeitem aos maridos e aos filhos, e vivam retamente, conforme tem repetido milhares de vezes no decorrer das eras.

E assim, ao falar à imprensa, veio-me à mente este pensamento: O que está a nosso alcance que não estamos fazendo? Até que ponto poderemos ir? Quais as modificações que poderão garantir Justiça a este mundo? Porque, se não as fizermos, poderá vir a destruição, como aconteceu à Babilônia, e de modo um pouco diferente, atingiu Sodoma e Gomorra e outras localidades.

Por isso nos preocupamos muito; e é por isso que continuamos a pregar a respeito, que advertimos nossos filhos e os ensinamos, que advertimos nossa juvenutde, advertimos aos nossos casais para que façam do casamento uma coisa bela e sagrada.

Agora, meus irmãos, ao encerrarmos esta conferência, esperamos que volteis a vossos lares com mais espiritualidade; que leveis a vossos familiares, vossos amigos, vossas alas, estacas e ramos os testemunhos que recebestes e os bons sentimentos que tocaram vosso coração, ouvindo os irmãos falarem e testificarem.

Quero terminar com meu testemunho. Eu sei que Deus vive. Sei que Jesus Cristo vive. Sei que ele nos ama e nos inspira. Sei que ele nos guia. Sei que ele pode amar e pode sentir-se muito magoado, quando vê que nos afastamos do caminho que tão claramente nos indicou e aplainou.

E presto-vos este testemunho em nome de Jesus Cristo, nosso Mestre. Amém.

NOSSOS AMIGOS DAS FILIPINAS

Na República das Filipinas sempre faz calor, as árvores estão sempre verdes e as crianças nunca usam agasalhos ou vêem neve.

Nas Filipinas as crianças geralmente fazem parte de família numerosa, tendo muitas vezes sete ou oito irmãos. As famílias vivem em geral numa casa pequena que é parte de um **barrio** (aldeia), e a maior parte cultiva a terra e cria animais. No interior, quase todos são plantadores de arroz, e a família inteira ajuda na lavoura. Até mesmo as crianças sabem como ficar horas e horas abaixado replantando as mudinhas de arroz das sementeiras no campo alagado onde ficam crescendo até o tempo da colheita.

Desde que os primeiros missionários chegaram lá há catorze anos atrás, cerca de vinte mil pessoas das Filipinas entraram para a Igreja. A maior parte dos membros vivem na região de Manila, mas a Igreja tem ramos e pequenos grupos espalhados por todas as partes das Filipinas.

Verden Pilobello

Edsel Pilobello

Lavonne Jump

Janet Ramirez

Jovita Salinas — Lourdes Saba

Jamie Ramirez — Leonilo Ramirez

Como cada uma das regiões das Filipinas tem seu próprio dialeto. Por isso o povo tem que saber falar mais de um dialeto para poder entender-se com os que vivem em outra província. Quase todos os membros da Igreja falam inglês e de um modo geral as aulas das crianças na Primária e Escola Dominical são dadas nessa língua.

As crianças SUD filipinas adoram ir à Primária e Escola Dominical. As famílias mórmons costumam realizar reunião familiar nas noites de segunda-feira, e as crianças ficam esperando ansiosamente sua vez de ajudar na apresentação das lições.

Alwyn Lim

Mitzi Lim

Michelene Lim

Averell Lim

Mylene Lim

Angustia Tan

Conferências de Área

Larry Hiller

Em agosto foram realizadas conferências gerais de área para os membros da Igreja residentes no Japão, nas Filipinas, Hong Kong, Taiwan e na Coréia. A do Japão aconteceu nos dias oito a dez de agosto. A conferência para as Filipinas foi realizadas nos dias onze e doze. A treze e catorze do mês houve conferências simultâneas em Hong Kong e Taipé, Taiwan. E nos dias quinze a dezessete foi realizada a conferência da Coréia em Seul. Em todos esses lugares reuniram-se milhares de santos a fim de serem insrtuídos pelo Presidente Kimball e as Autoridades Gerais que o acompanhavam.

Alguns dos santos viajaram durante treze horas num lerdo trem noturno, a maior parte do tempo de pé. Outros viajaram de barco por dois dias. Outros ainda passaram seis dias vencendo mil e seiscentos quilômetros de barco e ônibus.

Uns eram cegos, outros surdos. Havia os que chegaram andando de muletas ou de cadeira de rodas. Um deles era paralítico, tendo que ser carregado pelos amigos.

Havia ricos comerciantes; outros eram pobres lavradores. Alguns eram membros da Igreja há sessenta anos. Outros haviam sido batizados uns poucos dias antes.

Falavam japonês, inglês, mandarim, cantonês ou coreano. Acorreram a Tóquio, Manila, Hong Kong, Taipé ou Seul.

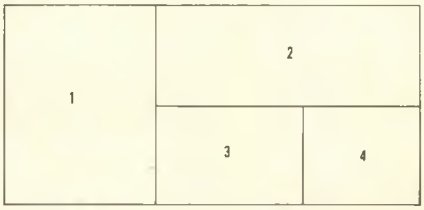
Mas, não obstante todas essas diferenças, tinham uma coisa muito

1 — Presidente Kimball com o irmão Nara, membro desde 1915.

2 — Presidente Romney falando em Hong Kong.

3 — Um dos muitos coros da conferência; este é o de Taiwan.

4 — Intérpretes capacitados ajudaram as Autoridades Gerais.



5 — Jovens cantam em Hong Kong.

6 — Élder Komatsu falando aos Santos em Manila.

7 — Élder Sill no Japão.

8 — Regentes entusiastas dirigem os coros.

9 — Grande massa assiste a conferência no Japão.

10 — Bispo Peterson falou aos santos em Hong Kong que eles eram membro da Família Celestial.

11 — Tradução simultânea por intérpretes capacitados trouxeram as mensagens das Autoridades Gerais aos santos em sua própria língua.

12 — Élder Paul H. Dunn falou aos santos no Japão que a Vida valoriza a Jornada.

13 — Os santos dão as boas vindas às Autoridades Gerais no aeroporto.

importane em comum: Vinham em busca de alimento espiritual. Acorriam para ouvir a palavra dos servos ungidos do Senhor, especialmente seu profeta, o Presidente Spencer W. Kimball.

O Presidente Kimball e as Autoridades Gerais que o acompanhavam viajaram mais de vinte e cinco mil quilômetros em menos de duas semanas, proferindo um total de noventa e um discurso. Só o Presidente Kimball fez pessoalmente quatorze discursos de importância, além de falar em entrevistas para a imprensa e reuniões especiais.

Os acompanhantes do Presidente Kimball foram: Presidente Romney, da Primeira Presidência; Presidente Ezra Taft Benson e os élderes Gordon B. Hinckley e Marvin J. Ashton, do Conselho dos Doze; os élderes Sterling W. Sill, James A. Cullimore, O. Leslie Stone, J. Thomas Fyans e Adney Y. Komatsu, assistentes do Conselho dos Doze; Élder Paul H. Dunn do Primeiro Conselho dos Setenta: e o Bispo H. Burke Peterson, do Bispado Presidente. Também compareceram às conferências David M. Kennedy, representante especial da Primeira Presidência e Barbara B. Smith, presidente geral da Sociedade de Socorro.

A programação das conferências no Japão e Coréia foi idêntica a das conferências de área anteriores. Na noite de sexta-feira houve um programa cultural com números de dança e música folclórica apresentados por membros de todas as estacas e missões. No sábado e domingo houve duas sessões de conferência regulares por dia. Além destas, houve uma sessão para pais e membros solteiros acima de vinte e cinco anos e outra para jovens com menos de vinte e cinco anos no sábado à noite. No domingo, de manhã, houve uma sessão especial para líderes do Sacerdócio.

A diferença entre esta série de conferências e as realizadas no passado é que durante a semana entre a conferência no Japão e na Coréia, realizaram-se algumas conferências menores. Estas começaram na segunda à noite nas Filipinas com um programa culutral de uma hora seguido de sessão de conferência à tarde e outra à noite.

As conferências em Hong Kong e Taiwan foram simultâneas, com

metade das Autoridades Gerais presentes a cada uma. As reuniões foram realizadas nas noites de quarta e quinta-feira. O Presidente Kimball presidiu a primeira sessão em Hong Kong. Na manhã seguinte ele viajou de avião para Taipé, Taiwan, a fim de presidir a reunião de quinta-feira. A primeira sessão em Taiwan foi presidida pelo Presidente Romney que, a seguir, voou para Hong Kong para poder presidir a sessão de quinta à noite.

Provavelmente a coisa mais importante ocorrida nessas conferências foi o anúncio do Presidente Kimball de que seria construído um templo em Tóquio. Ele deu a notícia em seu discurso de abertura na primeira sessão geral, sábado de manhã, em Tóquio.

Foi um anúncio de tal importância e tão emocionante, que a congregação levou alguns momentos para dar-se conta do que acabara de ouvir. Mas quando perceberam o que fora dito, houve uma vaga de emoção. Alguns sorriam; outros choravam; e muitos faziam as duas coisas. Finalmente, como aparentemente não havia outro meio de externarem sua gratidão e alegria, irrompeu um breve aplauso.

Entre os que ouviram a notícia estavam o Irmão Fujiya Nara que é membro desde 1915, e a Irmã Tamano Kumagai, membro desde 1908. Ao ouvir a notícia, um sorriso iluminou as feições do Irmão Nara e automaticamente ele argueu o braço em sinal de apoio antes que tal fosse pedido. Mais tarde ele contou que ficou muito emocionado com o anúncio do templo. "Foi um grande privilégio eu estar presente nesta ocasião", disse ele. Depois recordou que também esteve presente quando o Élder Matthew Cowley dedicou a casa da missão que se ergue atualmente no terreno em que será construído o templo. Naquela ocasião o Élder Cowley profetizou que algum dia se construiria um templo no Japão.

Quando perguntaram à Irmã Kumagai o que sentia a respeito da notícia do templo, ela disse que havia sido uma grande surpresa. Não encontrava palavras para expressar o que realmente senia. Seu desejo agora é ver o templo pronto e dedicado.

A grande maioria dos santos presentes à conferência de área no Japão não são nem de longe membros há tanto tempo como o Irmão Nara ou Irmã Kumagai. Mas eles também vinham ansiando pela hora de haver um templo não tão distante. O vôo até o templo no Havaí é muito dispendioso, e muitos deles não são membros há tempo suficiente para terem podido economizar o necessário. Agora, poupando e sacrificando-se, poderão ajudar a construir um templo ao qual poderão ir muitas vezes. Agora poderão ser selados como unidades familiares eternas. Não é de admirar, pois, que tantos tivessem lágrimas nos olhos.

Embora sendo construído no Japão, o templo ficará à disposição de todos os santos residentes na Ásia, e a notícia sobre o templo foi recebida com entusiasmo pelos membros de todas as conferências. A garantia do Profeta de que, no devido tempo outros templos seriam erguidos em países asiáticos e outras partes, também foi muito bem recebida.

Os que compareceram às conferências de área sentiram-se enalte-

cidos não só pelo anúncio do templo como por todas as mensagens inspiradoras dadas pelas Autoridades Gerais. Para muitos não foi fácil comparecer às conferências. Alguns tiveram que fazer longa viagem. Outros tinham bebês e crianças pequenas para cuidar. Muitos tiveram que fazer horas extras ou arranjar mais um emprego para poderem pagar as despesas de viagem e alojamento. Os jovens jejuaram e oraram para que seus pais não-membros lhes permitissem comparecer.

Mas, a despeito de tudo isso, as pessoas relutavam em admitir que fora um sacrifício. Conforme disse um deles: "Não foi sacrifício, porque ficamo-nos preparando desde o dia em que soubemos da conferência."

Uma das razões de o Espírito manifestar-se com tal poder nas conferências foi que muitos dos membros se prepararam espiritualmente. "Minha mulher e eu passamos muitas horas orando juntos, jejuando e lendo as Escrituras em preparação para a conferência", disse alguém.

Diversos líderes do Sacerdócio comunicaram melhoras na freqüência à Igreja, no ensino familiar e pagamento do dízimo e ofertas durante os meses que precederam a conferência. Pessoas que mostravam-se relutantes em compartilhar o Evangelho com outros, puseram-se a conversar com amigos e conhecidos a respeito da Igreja e da conferência.

Além dos muitos preparativos pessoais, espirituais, houve necessidade de numerosos preparativos materiais para que a conferência fosse um sucesso — alugar e preparar um local de reuniões adequado; arranjar e treinar intérpretes, providenciar e instalar o sistema de som; organizar e ensaiar coros e grupos de executantes; arranjar alojamento para os que vinham de fora; propaganda etc. etc. A lista é quase que interminável. E cada um dos setores principais exigia uma longa lista de providências menores a serem tomadas para que a conferência corresse sem tropeços.

Os santos locais trabalham sem contar horas e esforço a fim de cuidarem de todos os detalhes e terem tudo pronto. Segundo informou um presidente de estaca, havia tantos voluntários para ajudar nos preparativos e participar do programa cultural que tornou-se um pouco difícil arranjar uma tarefa para todos.

Os membros não só se ofereceram para ajudar nos preparativos como estavam dispostos a auxiliar outros santos. Muitos dos residentes nas cidades em que se realizaram as conferências, não tendo que gastar dinheiro com viagem e alojamento, ofereceram acomodação e alimentação além de servirem como cicerones para os que vinham de fora. Alguns doaram o dinheiro que teriam gasto numa viagem para que os missionários locais pudessem comparecer à conferência.

Todos os membros entrevistados responderam que as conferências valeram o esforço de todos os preparativos. Foi uma grande experiência unificadora para os santos de todos os países. Grande parte dessa unidade resultou de estarem juntos com tantos outros santos experimentando o mesmo espírito

caloroso. Entre os que participaram dos coros e apresentações artísticas também nasceu um forte espírito de união e fraternidade.

Em todas as conferências os coros foram maravilhosos. Cantaram muito bem e com grande entusiasmo. Era difícil de acreditar que tivessem sido reunidos de várias unidades diferentes da Igreja. Parecia que já vinham cantando juntos há anos.

Uma jovem irmã que cantou em um dos coros disse depois: "Tenho cantado hinos muitas vezes, mas nunca cantei como agora. Fiquei assombrada com minha própria voz e as vozes que ouvia ao meu redor. Só o cantar no coro foi uma maravilhosa experiência espiritual."

Os programas culturais com suas danças, canções e números teatrais também foram excelentes. Tornava-se óbvia que haviam merecido muita preparação e dedicação. Os grupos participantes começaram os ensaios meses antes da conferência. Num dos países, depois de ensaiarem durante semanas, eles chegaram à cidade da conferência seis dias antes do início dela e ensaiaram pelo menos nove horas por dia. Como ensaiavam ao ar livre, quando chovia os dançarinos simplesmente continuavam a dançar.

Durante os ensaios, as refeições e períodos de descanso juntos, formaram-se muitas amizades. E estas amizades transpunham os limites de ramos e alas, estacas, distritos e missões. Surgiram até mesmo alguns romances e uns poucos noivados. Alguns dos participantes dos programas culturais decidiram continuar dançando e apresentando-se juntos após o término da conferência.

Obviamente a coisa mais importante de uma conferência de área é seu efeito sobre os santos que comparecem. Quantas vidas se modificaram em virtude das conferências de área na Ásia? Seria difícil de dizer. Os que compareceram foram fortalecidos em sua determinação de levar uma vida reta e de serem missionários. Eles influirão na vida de amigos e parentes não-membros da Igreja, e esta se expandirá mais rapidamente. De fato, houve muitos investigadores presentes às conferências. Nas Filipinas, um presidente de ramo

14 — Coro dos santos da Korea.

15 — Coro de Taiwan.

16 — The Tender Apples, grupo de cantores famosos na Korea, apresentou as boas vindas às Autoridades Gerais em sua chegada.

17 — Regente do Coro de Taiwan.

18 — Presidente Benson aconselha os santos no Japão.

19 — Élder Cullimore em Manila.

20 — Diversos grupos coloridos fazem sua apresentação durante a noite cultural. O da foto está apresentando a tradicional Dança do Leque koreana.

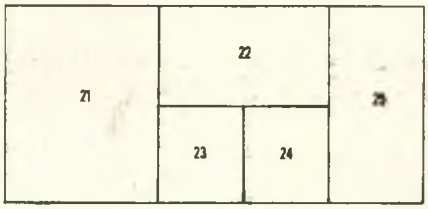
21 — O amor do Presidente Kimball aos santos esteve sempre em evidência.

22 — Coro em Hong Kong.

23 — Élder Ashton falando em Manila.

24 — Élder Burton.

25 — Irmã Barbara Smith, Presidente Geral da Sociedade de Socorro, fala aos pais.



trouxe duzentas e cincoenta pessoas. E cento e vinte delas eram investigadores!

O efeito das conferências nos jovens foi particularmente notável. Ao final de uma das conferências, disse um moço: "Aprendi uma porção de coisas. Acima de tudo que preciso ter um objetivo na vida. Devo também ser limpo e manter a lei da castidade. Tenho que estudar as Escrituras e orar. Resolvi tornar-me um missionário."

Outro jovem declarou: "Tenho ido a uma porção de conferências de ramo e distrito. Mas estar numa conferência tão grande, junto a tanta gente que tem o mesmo testemunho, deu-me uma visão muito mais ampla da Igreja."

"Foi uma bênção para nós a vinda do Profeta. Poder ouvi-lo e as outras Autoridades Gerais — escutar seus conselhos — deu-me a força e a fé para perseverar no futuro", disse u'a moça.

"Só contemplar o rosto do Profeta já fortaleceu meu testemunho. Ouvir a voz dele refrescou as Escrituras em minha mente", declarou outra.

Um rapaz afirmou: "Meu desejo de fazer missão se fortaleceu. Ouvir o Presidente Kimball falar sobre castidade realmente me impressionou. Sei que preciso procurar manter-me puro e guardar todos os mandamentos."

As palavras de certo pai talvez sintetizem melhor os sentimentos dos membros ao término das conferências: "Os excelentes discursos das Autoridades Gerais plantaram sentimentos maravilhosos e tanto membros como investigadores sentiram o Espírito. Agora temos que pôr as palavras deles em prática."

O futuro da Igreja na Ásia tornou-se, sem dúvida, ainda mais auspicioso com tantos santos preparando-se espiritualmente e comparecendo às conferências para serem espiritualmente fortalecidos. Eles foram recompensados. Seus testemunhos cresceram. E certamente compartilharão seu testemunho com seus semelhantes. Então a Igreja passará a crescer ainda mais depressa, e haverá mais membros e até mesmo maior espiritualidade e fidelidade.

Hong Kong,

A Pérola do Oriente

Qual imenso dragão chamejante voltado para o leste, a China domina o Oriente, eclipsando os pequenos domínios que a rodeiam. Parte dessas terras, espremidas entre a República Popular da China e o Mar da China Meridional, constituem a Colonia da Coroa Britânica de Hong Kong, também conhecida como a "Pérola do Oriente".

Essa colônia, formada pela Ilha de Hong Kong, uma área continental e mais de duzentas e trinta ilhas circunvizinhas, cobre uma área de apenas 640 quilometros quadrados.

Embora pequena, essa região é uma parte importante da vinha do Senhor.

Em três épocas distintas, foram criadas missões em Hong Kong. A primeira, em 1853, quando Hosea Stout, James Lewis e Chapman Duncan foram chamados a deixar os Estados Unidos e viajar para a China. Eles alimentavam grandes esperanças e sentiam-se gratos pela oportunidade de poder partilhar o Evangelho. Entretanto, essas esperanças foram destruídas quando, semanas mais tarde, chegaram finalmente a Hong Kong. "Não tivemos uma recepção cordial", escrevia Lewis. "Pelo contrário, missionários de outras igrejas haviam criado sentimentos de antagonismo para conosco."

As primeiras reuniões de rua foram bem sucedidas, porém a oposição por parte das outras igrejas cristãs logo desencorajou o comparecimento de todos. Depois de três sucessivas reuniões de rua sem nenhum ouvinte, o Élder Stout, ainda fiel ao seu chamado, porém convencido de que na época não havia perspectiva de converter pessoas na China, escrevia: "Sentimos que fizemos tudo o que Deus ou o homem podem exigir de nós neste lugar. Decidimos que nosso trabalho aqui deve ser encerrado."

Os três desalentados missionários partiram de Hong Kong cerca de quatro meses depois de lá chegarem. Não fizeram nenhum batismo. Não encontraram uma única pessoa interessada no Evangelho. James Lewis chegou em casa sentindo-se devedor, e chamava sua missão de "a grande provação de minha vida". Hosea Stout, ao retornar, encontrou a esposa morta, sua casa nova ocupada por estranhos e nenhum parente seu mais na região.

A despeito de seus sacrifícios aparentemente inúteis, Hosea Stout escreveu: "Estamos convencidos de que nossa missão resultará em proveito. Adquirimos um conhecimento do povo e do país que jamais teríamos conseguido de outra forma."

Para o tempo do Senhor, o povo de Hong Kong ainda não estava preparado para receber o Evangelho. Por isso se passaram 67 anos antes de se fazer nova tentativa missionária, desta vez pelo Élder David O. McKay, do Conselho dos Doze, e seu companheiro Rugh J. Cannon, como parte de seu itinerário numa viagem ao redor do mundo. Depois de algumas semanas de viagem, eles chegam a Pequim, via Japão, Coréia e Mandchúria. Numa manhã de domingo, 9 de janeiro de 1921, o Élder McKay oferecia uma oração dedicatória num bosque de ciprestes dentro dos muros da "cidade proibida", a antiga residência imperial.

Foi porém, 28 anos mais tarde que finalmente se iniciou o trabalho missionário com o envio de élderes após uma visita do Élder Matthew Cowley a Hong Kong. Os eventos do dia 14 de julho de 1949 estão registrados num discurso de conferência proferido no mesmo ano pelo Élder Cowley, no qual dizia: "Nós inauguramos a missão oficialmente com um breve serviço, em que cada um de nós ofereceu uma oração. Jamais esquecerei da prece do Irmão Henry Aki que, ali de pé, voltado para sua terra natal com seus quatrocentos e sessenta e cinco milhões de habitantes, extravasou sua alma a Deus, rogando que lhe fosse concedido ser o instrumento para levar a salvação aos seus irmãos. Que enorme disparidade, meus irmãos, um portador do Sacerdócio de Deus entre quatrocentos e sessenta e cinco milhões de sua raça! Nunca me senti tão impressionado com a preciosidade do Sacerdócio de Deus como quando esse querido irmão chinês, sentindo o peso do fardo que carregava, implorou a Deus que levasse a salvação a sua gente".

Foi aberta uma missão sob a presidência de Hilton A. Robertson, ex-presidente de missão no Japão e Havaí. A segundo tentativa de pregação do Evangelho foi recebida com mais entusiasmo que a primeira, e alguns batismos foram realizados. O Conflito Coreano e a revolução da China obrigaram novo encerramento da missão em Hong Kong, em 1950, quando os missionários deixaram para trás muitos investigadores interessados.

Em 1955, deu-se a terceira tentativa.

Dessa vez, escreveu o Presidente H. Grant Heaton: "O único limite para o número de conversos que podemos trazer para a Igreja é nossa capacidade de conduzi-los adequadamente." Os novos conversos mostravam-se membros-missionários entusiásticos. Depois de batizado, um irmão sentiu-se tão entusiasmado com a verdade recem-encontrada, que organizou muitos de seus amigos e parentes em grupos de estudo, e a seguir, chamou os missionários para que os ensinassem. Quando estes chegaram, ficaram agradavelmente surpresos por ver que aquela gente não precisava mais ser convencida da veracidade do Evangelho; estavam lá apenas para aprender os requisitos necessários para o batismo.

Em virtude do fervoroso testemunho prestado pelo irmão que lhes apresentara o Evangelho, já haviam recebido em seu coração o testemunho do Espírito Santo.

Muitas das pessoas abordadas pelos missionários são refugiados, a respeito dos quais escreve o Presidente Heaton: "Para os missionários que trabalham entre os refugiados desta área, as promessas que predizem a coligação da semente de Israel das mais distantes partes do mundo, são uma realidade. Todos os dias, os missionários encontram pessoas de todos os cantos do Extremo Oriente, gente aqui reunida pelo desejo comum de preservar sua liberdade. Pelo menos é esta a razão alegada pela maioria das pessoas.

Entretanto, para missionários e aqueles que recebem o testemunho do Evangelho durante seu exílio aqui, as condições e circunstâncias que os trouxeram nesta parte da terra adquirem um sentido novo e confortador. Eles estão sendo reunidos num lugar onde é possível pregar-lhes o Evangelho da salvação e onde podem receber suas bênçãos. Para eles, seu refúgio é realmente uma "Sião".

Muitos desses modernos "filhos de Israel" afluem para a Igreja, pois reconhecem a veracidade do Evangelho, aceitando-o com coração agradecido.

Na verdade, o número de conversos em Hong Kong é tão grande, que o maior problema da Igreja é integrá-los devidamente. Todo novo converso necessita de instrução adicional sobre os preceitos do Evangelho e tem que receber um cargo no ramo para que possa tomar nele parte ativa, servindo a seus semelhantes.

Os membros da Igreja em Hong Kong enfrentam muitos desafios, inclusive o ostracismo, perseguição por parte da família e perda de membros locais devido à emigração. Enfrentando e vencendo tais desafios, os membros de Hong Kong continuam a testemunhar de uma Igreja cada vez mais forte. Atualmente, ela conta com cerca de 4.000 membros congregados em 13 ramos. Possuem sete capelas — duas padrão, dois prédios adaptados, e três localizadas em andares de cima. Adquiriram também terreno para a construção de uma sede de distrito. Os ramos e distritos, antes dirigidos por missionários americanos, são agora liderados totalmente por membros chineses. Presentemente, existe um quorum de élderes em cada ramo. Dezessete missionários chineses de tempo integral e numerosos missionários de distrito locais estão servindo em Hong Kong.

Parece que a idéia de abandonar a área de Hong Kong também está mudando. Muitos membros começam a sentir-se conforme disse um irmão:

— Nasci chinês e tenho uma razão para ser chinês. A melhor maneira de servir a Deus é ficar aqui em Hong Kong e ajudar meus irmãos locais.

À medida que a Igreja em Hong Kong continua a crescer em número de membros e vigor, está se cumprindo a declaração feita pelo Élder Ezra Taft Benson, em 1970, quando disse que esta era a hora em que a mensagem do Evangelho seria recebida naquela parte do mundo. "No devido tempo do Senhor, a porta está aberta, agora".

Taiwan,

Picos Escarpados e Fé Inabalável

Janice Clark
Editora assistente do Ensign

Num dia quente em princípios de junho de 1956, quatro élderes da Missão do Extremo Oriente Sul partiam do porto de Hong Kong, num pequeno barco, para um lugar "do qual todos só falavam mal." — Taiwan.

"Entretanto", conforme relatava o Élder Weldon J. Kitchen, "quando tivemos o primeiro vislumbre de Taiwan, ficamos muito impressionados. As montanhas emergiam abruptamente das águas azuis, elevando seus picos, como querendo perfurar o firmamento azul lá no alto. A despeito das encostas extremamente íngremes dos picos, não se via nenhuma terra exposta, apenas a luxuriante vegetação bem verde que recobre toda a ilha."

Dessa maneira modesta, começou o trabalho missionário na Ilha de Taiwan, também conhecida como Formosa. Os quatro líderes no ficaram inteiramente isolados; havia um grupo organizado de militares norte-americanos, porém nenhum membro chinês, continental ou local. Os élderes haviam passado os nove meses anteriores aprendendo a língua oficial, o mandarim.

Abrir um novo país para a pregação do Evangelho sempre foi acompanhado de dificuldades. Os quatro missionários e mais quatro chegados em outubro do mesmo ano, dispunham de pouca literatura em chinês, e a tradução do Livro de Mórmon ainda levaria mais dez anos para aparecer.

(Pedia-se aos investigadores que lessem o Novo Testamento). A Igreja não encontrou qualquer oposição por parte do governo; porém muitas outras religiões distribuíram imediatamente impressos, advertindo seus membros a não dar ouvidos aos missionários mórmons. Isto "despertou a curiosidade do povo e causou mais benefícios que prejuízos", comunicaram os élderes.

Adquirir um terreno era praticamente impossível. Até mesmo encontrar um lugar para morar e realizar reuniões era díficil. A princípio, a maioria das reuniões era feita no apartamento dos missionários, às quais compareciam geralmente umas 35 pessoas.

Manifestações anti-americanas em maio de 1957 forçaram os élderes a passar diversos dias na base militar dos Estados Unidos. Os élderes tinham que se precaver também contra doenças epidêmicas, e o idioma continuava a ser uma barreira.

Em fins de 1957, haviam sido feitos quase 50 batismos em Taiwan. Em 1958, houve mais 120, e por volta do fim desse ano, havia 31 missionários trabalhando em seis cidades. Em 1958, Taiwan foi visitada pelo Élder Mark E. Petersen — a primeira visita de uma Autoridade Geral — que dedicou especificamente o país para a pregação do Evangelho. (O Presidente David O. McKay havia, muito antes, dedicado a China em geral). Em fins de 1959, após três anos e meio de trabalho missionário, existiam oito ramos organizados da Igreja e 45 missionários, 14 dos quais eram Santos locais.

A Igreja continuou crescendo durante a década de 1960, crescimento este realçado pela construção de duas amplas capelas — uma em Taipé e a outra em Kaobsiung — e pelo término da tradução do Livro de Mórmon. Deu-se grande ênfase à formação de líderes. Por volta de 1965, 11 dos 16 ramos existentes eram presididos pelos próprios membros.

No dia 11 de janeiro de 1971, Malan R. Jackson, que 5 anos antes servira como missionário na Missão do Extremo Oriente Sul, chegou como primeiro presidente da Missão de Taiwan-Taipé. Atualmente existem na missão, três distritos regulares, um distrito de militares norte-americanos, 30 ramos e mais de 7.000 membros. A missão conta em média com 200 missionários de tempo integral, sendo que atualmente ela é presidida por Thomas P. Nielsen. Há três capelas — em Taipé, Taichung e Kaohsiung — e outra em construção, em Taitung. Os membros dispõem de uma edição de "International Magazine" — **A Voz dos Santos** — e embora seja difícil conseguir visto de saída do país para fazer o trabalho do templo, registros antigos permitem aos membros traçar sua genealogia por muitas gerações. Um ativo programa de seminário e instituto, cordenado pelo Irmão Joseph Wan, um membro local, funciona nos três distritos chineses, com cerca de 420 alunos matriculados.

Por que o povo de Taiwan aceitou tão prontamente o Evangelho? O Irmão Chang Cheng Hsiang, então presidente do Ramo de Chiai, respondeu a esta pergunta na publicação mensal da Missão Taiwan-Taipé:

"Costuma-se dizer que a China tem 5.000 anos de história cultural, tradição e civilização. Grande parte do povo chinês ainda segue hoje a tradição do culto aos céus. Acreditam que essa grande força em forma de alta divindade, controla toda a natureza e o universo. Em Taiwan, essa divindade é cultuada no dia 9 de janeiro, de acordo com o calendário lunar, com oferendas de quatro tipos de frutas frescas. Assim, ainda que seu conceito de Deus seja incompleto sob muitos aspectos, a crença em deuses é uma tradição consagrada na China.

A civilização chinesa é outra razão para que a Igreja seja aceita com facilidade. A China foi outrora uma grande civilização — a maior de todas no Oriente. Durante muitas gerações, os impérios recebiam de bom grado visitantes do mundo inteiro. Por centenas de anos, a China acolhia em suas fronteiras pessoas de todas as profissões, nacionalidades e credos, a fim de partilharem com seu povo as coisas boas das suas civilizações. Muitos chineses tornaram-se enriquecidos por esse intercâmbio cultural, fazendo com que gradualmente se tornasse mais fácil para o chinês aceitar outras culturas e religiões. Como o Evangelho da nossa Igreja é o melhor ponto de civilização jamais introduzido na China por estrangeiros, a verdade de Deus é amada por muitos chineses que o aceitam.

"A sociedade chinesa é baseada na família, nação e cultura, sendo que a maioria do povo possui uma consciência nacional e emocional muito pronunciada. Isto porque o chinês dá grande valor às emoções. Visto que os ensinamentos de Jesus Cristo também se centralizam no amor e outros sentimentos nobres, os chineses sentem um grande afeto por ele e a Igreja.

"Outro ponto interessante a notar é que os costumes do povo chinês assemelham-se bastante aos da antiga Israel. Muitos concordam com o plano de salvação e a existência de Deus quando ouvem o Evangelho pregado pelos missionários, pela primeira vez. Os chineses também respeitam seus antepassados e lhes prestam culto, constroem átrios dos ancestrais e fazem a genealogia da família. Por causa das excelentes convicções genealógicas da China, fui capaz de traçar a história de minha famíila nos últimos 4.000 anos!" (The Taiwan Missionary, julho 1973).

Um exemplo clássico de aceitação do Evangelho é o Ramo de K'eliao. Durante 18 anos, o Irmão Wang Tiente servira como pregador de um grupo cristão em K'eliao, sem associar-se formalmente a nenhuma igreja. Quando a filha do Irmão Wang encontrou os missionários, ela reconheceu a veracidade de sua mensagem, em parte por ter tanta coisa em comum com o que seu pai ensinava — dízimo, abstinência de álcool e fumo, orações diárias, estudo da Bíblia, batismo por imersão. Ela levou-lhe a mensagem, e pouco tempo mais tarde, no dia 1.º de abril de 1973, ele e sua família foram batizados. Nesse dia, o Irmão Wang disse aos seus adeptos: "Há 18 anos eu os vinha batizando, mas não tinha autoridade para isso. O Evangelho foi restaurado; o Sacerdócio está aqui...

Vocês me seguiram, confiaram em mim como seu pastor, todos estes anos. Hoje eu os convido a que me acompanhem para as águas do batismo."

Cinqüenta de seus seguidores foram batizados no mesmo dia. Sua pequena capela foi entregue à Igreja, e pouco tempo depois, o Irmão Wang foi ordenado e designado como presidente do ramo.

O povo de Taiwan dá grande importância à cultura chinesa, que provavelmente teve influência no rápido crescimento da Igreja. O confucionismo, taoísmo e budismo, bem como o cristianismo, são fortes influências religiosas. Na primeira década do trabalho missionário, a filiação formal a uma determinada religião aumentou de dois para mais de cinco por cento da população em geral.

Outro fator importante na vida do povo de Taiwan é sua situação política. Desde 1949, quando os comunistas assumiram o controle da China continental, Taiwan vem sendo a sede do govêrno chinês nacionalista, o qual se julga no direito de governar a China inteira. Em 1971, os nacionalistas foram excluídos das Nações Unidas, e a China Comunista admitida em seu lugar. O Presidente Chiang Kaishek, que ocupava o governo durante a crise de 1949, continuou no poder até sua morte, ocorrida em abril deste ano.

O clima cultural e político são apenas dois dos desafios com que se defronta a Igreja hoje em dia. Existem outros, todos bem diferentes dos encontrados pelos primeiros missionários.

Contudo, os membros da Igreja em Taiwan têm metas elevadas — liderança mais forte, organização de uma estaca, mais trabalho no templo, ativação e contínuo trabalho missionário para uma população de quase dezesseis milhões.

A atitude do Irmão Chang Cheng Hsiang é típica de como os santos de Taiwan encaram o futuro: "Creio que o trabalho missionário em Taiwan há de florescer e prosperar sempre. Deus sempre cuidará da área chinesa de sua Igreja. Oro para que tanto os missionários como os membros de Taiwan continuem a desenvolver profunda fé e muita perseverança."

De um Amigo para Outro

Mamãe Ganhou um Filho Melhor

Élder Adney Y. Komatsu
Assistente do Conselho dos Doze

A primeira vez que encontrei os missionários foi há pouco mais de trinta e quatro anos, quando eu ainda fazia o curso colegial. Convidaram-me a freqüentar a AMM e fazer parte do seu time de basquete. Sem saber coisa alguma a respeito da Igreja, porém muito interessado no basquete, eu freqüentava a AMM. Depois, passei a ir à Escola Dominical, e mais tarde à sacramental.

Depois de freqüentar a Igreja e estudar o Evangelho com os missionários, durante um ano, tendo lido a história da primeira visão de Joseph Smith, aceitei ser batizado na Igreja. Naquela noite, tendo-me comprometido a ser batizado, voltei para casa, a fim de pedir permissão à minha mãe viúva.

Subitamente, vi lágrimas em seus olhos. Perguntei por que chorava. E ela respondeu, dizendo:

— Não são lágrimas de alegria, mas de tristeza, — pois acabara de perder outro filho. Ela havia perdido um filho durante sua viuvez, meu irmão, e por isso dizia que acabava de perder outro filho, para uma igreja cristã.

Mais tarde, ela me explicou que havia prometido a meu pai, no seu leito de morte, que criaria os filhos honrosamente, na fé budista. Imediatamente assegurei-lhe que naquele ano de convivência com os missionários, eu sempre fora edificado e deles aprendera somente coisas boas.

Prometi a ela que se me desse permissão para batizar-me e mais tarde achasse que eu lhe causara qualquer embaraço com minha conduta — ou cometesse algum ato vergonhoso ou ignóbil — tudo o que precisava fazer era pedir que eu deixasse de freqüentar a Igreja, e eu lhe obedeceria sem questionar.

Entretanto, por outro lado, se eu me tornasse uma pessoa melhor — mais atento para com suas necessidades de viúva, mais generoso para com as exigências do lar, dos irmãos e irmãs — então, perguntei:

— A senhora me permitirá continuar freqüentando a igreja? Porque eu sei que é lá o lugar onde posso educar-me para a vida eterna.

Nunca tive que deixar a Igreja, nem causei à minha mãe qualquer preocupação pela minha conduta. Vivendo as verdades do Evangelho ensinadas pelos missionários e estudando seus princípios, eu tinha a certeza de que nunca teria que me preocupar com meu futuro.

Desde que fui batizado, venho tentando sempre pôr em prática os princípios do Evangelho. E tenho um carinho todo especial por esta passagem das Escrituras: "Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33)

Descubra os seis besourinhos escondidos na gravura e depois pinte-a.

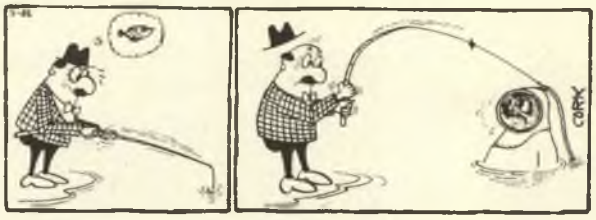
SÓ PARA DIVERTIR

Pai: — Querida, fale mais alto. Não consigo entender sua oração, se você fica cochichando.
Filha: — Ora, papai, eu não estava falando com o senhor!

Este animal consegue comer folhas de galhos bem altos, sem subir na árvore. Que animal será?

Beverly Johnston

Neste jardim, há diversas coisas escondidas.
Veja se consegue ajudar as crianças a descobrirem: um coelhinho, lápis, óculos, passarinho, pato, sorvete, xícara, guarda-chuva, joaninha, caracol, sapato, borboleta, ferro de engomar, peixe e papagaio.



Japão,

A Luz do Evangelho na Terra do Sol Nascente

Kan Watanabe, Kiyoshi Sakai, Shuichi Yaginuma, Mildred E. Hendy e Grace Vlam

"Terra do Sol Nascente" é apenas um dos muitos nomes poéticos usados para identificar uma extraordinária cadeia de ilhas conhecidas como Japão. Essas ilhas parecem uma família feliz, de mãos dadas, descansando ao largo da costa oriental do continente asiático. Ali está um país que, no curto espaço de um quarto de século, ergueu-se das cinzas atômicas da derrota, para uma posição de abundância e liderança entre as grandes nações do mundo!

Nada exemplifica melhor as modificações e revitalização do Japão após-guerra do que a experiência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias desde que recomeçou ali o seu trabalho missionário, em 1948. Ao terminar a II Guerra Mundial, a Igreja havia perdido todo e qualquer contato

com seus membros isolados no Japão desde 1924, ano em que o Presidente Heber J. Grant suspendeu ali temporariamente o proselitismo, até o advento de uma época "mais favorável". Aparentemente essa época favorável raiou com o fim da guerra. Antes de a missão fechar, houve 174 batismos em 23 anos. Os 27 anos decorridos desde a reabertura da missão, resultaram em 25.000 membros espalhados em seis missões e três estacas, com aproximadamente 3.000 batismos anuais.

Para se entender o milagre da recuperação do Japão e seu futuro potencial, é preciso olhar além da imagem superficial da rápida industrialização e prosperidade econômica, para o caráter de seu povo. Da mesma forma, para compreender o poder do Evangelho de Jesus Cristo de transpor barreiras raciais e culturais, e de transformar vidas, precisamos vê-lo operar entre um povo como o japonês, cujo intelecto e coração continuam profundamente enraizados na cultura que florescia na época em que caía o Império Romano.

O Japão está localizado na zona temperada do extremo nordeste da área das monções asiáticas. Tem uma população de 110 milhões, para uma área de 359.846 quilômetros quadrados. É um país montanhoso de lagos, vulcões, rios largos e rasos, e úmidos campos de arroz terraceados — com colinas arredondadas, coroadas de santuários dedicados aos deuses da natureza, dentro de bosques de pinhos e cedros; terra das cerejeiras floridas e do Monte Fujiama com seu capuz de neve, o Japão é constituído por quatro ilhas principais — Hokkaido, Honshu, Shikoku e Kyushu — e milhares de ilhas menores, a maioria minúsculas ilhotas. O clima varia do frio nórdico de Hokkaido ao calor sub-tropical de Kyushu e Okinawa.

A separação geográfica do continente asiático permitiu aos japoneses desenvolverem uma cultura altamente autóctone, sujeita a bem poucas influências de idéias e pressões externas. Esse sentido de isolamento geográfico dos outros países do mundo criou no povo um profundo sentimento de identificação com sua terra natal.

A despeito da mencionada separação, a China tem exercido profunda influência na cultura japonesa. Dela ele recebeu seu sistema de escrita e o zem budismo, filosofia religiosa originária da — Índia, religião esta que chegou ao Japão via Coréia.

Dando ênfase à tranqüila introspecção e harmonioso ajustamento de si próprio ao universo, o zenbudismo insinuou-se paulatinamente em todos os aspectos da vida japonesa: na arte, literatura, arquitetura, música, hábitos e costumes sociais, os quais se tornaram a mais refinada expressão do modo de vida japonês. A cerimônia do chá, por exemplo, é um ritual destinado a colocar o homem em harmonia com o universo. Participando desse tranqüilo ritual, ele chega à percepção do verdadeiro eu.

Também os jardins exprimem essa harmonia com o universo. A arquitetura japonesa, com paredes e biombos corrediços, possibilita aos moradores sentir a natureza em todas as suas facetas e estações. Um jardim japonês simboliza o universo em miniatura; é considerado uma obra de arte, criada para levar à meditação. Rochas, tanques, areia, arbustos e pedras são dispostos de forma a representar montanhas e lagos, matas e planícies. As flores são poucas, pois o objetivo não são as cores; harmonia e variedade são conseguidas pela textura e diversos matizes do verde.

Como é de esperar, a harmonia poética se reflete na literatura e até mesmo no idioma do Japão. Dos caracteres gráficos adotados da China, conhecidos como **kanji,** os japoneses desenvolveram três sistemas de escrita — **kanji, hiragana** e **katankana.** Para escrever bem, é preciso ser tanto um pintor como calígrafo. A escrita e pintura são freqüentemente combinadas numa só composição, para mostrar como a arte expressa a íntima harmonia entre o homem e a natureza.

Para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que se defronta com a tarefa de atingir o coração do povo japonês com as ricas doutrinas do Evangelho restaurado, a língua é de máxima importância. Sem dúvida, esta foi a mais terrível barreira enfrentada pelos primeiros missionários da Igreja ao chegarem às praias do Japão.

É uma história de sacrifício e devoção ao dever, coragem em face da adversidade e persistência diante da derrota. Os primeiros élderes ficavam pelo menos cinco anos, a fim de aprender o suficiente da língua e dos costumes para serem eficazes. Durante os primeiros 23 anos da missão japonesa, serviram cerca de 88 missionários, um número lastimavelmente pequeno para o vasto campo de trabalho. Muitos deles demonstraram extraordinária disposição para o sacrifício. Além dos desafios culturais e lingüísticos, esses élderes tinham que suportar insultos e ameaças e, em muitas regiões, podiam-se contar, os membros que freqüentavam a Igreja.

Na manhã de domingo, 1.º de setembro de 1901, o Élder Heber J. Grant fez-se acompanhar do Élder Alma O. Taylor, de dezoito anos, e de mais dois outros élderes, para darem início à primeira tentativa de proselitismo na Ásia Oriental. Conduziu o pequeno grupo de missionários a um bosque no alto de uma colina para a parte sul de Iocohama, onde dedicou as terras do Japão "para a proclamação da verdade". Em seu diário, o jovem Élder Taylor descreveu a tocante experiência espiritual, incluindo a oração dedicatória do Élder Grant: "Sua língua desembaraçou-se e o Espírito pousou poderosamente sobre ele, a tal ponto que sentimos a proximidade dos anjos de Deus, pois nossos corações ardiam dentro de nós, enquanto as palavras caíam de seus lábios. Nunca antes eu havia experimentado uma oração tão poderosa. Cada palavra penetrou-me até os ossos."

Todavia, a despeito de sua determinação e fé, os élderes viram-se virtualmente tolhidos por sua incapacidade de comunicação com o povo. Não dispunham nem mesmo de um único folheto em japonês que pudessem distribuir, a fim de explicar sua mensagem. Os missionários moravam em casas de japoneses, onde eram forçados a usar o idioma diariamente, e assim não se passou muito tempo até co-

meçarem a entender a língua. O Élder Taylor destacou-se entre os missionários por seu rápido progresso. Traduziu dois hinos usados nas Escolas Dominicais iniciadas em Honjo e Tóquio, um ano após a abertura da missão. O povo japonês adora cantar, e os hinos de Sião não só os atraíam para a Igreja, como ajudavam os conversos a se manterem fiéis.

Em 1904, Alma Taylor recebeu a incumbência monumental de traduzir o Livro de Mórmon, sendo chamado durante esse tempo como presidente da missão. Ele fez um esforço heróico para dar à nação japonesa uma digna tradução dessa Escritura, trabalho que lhe exigiu quase seis anos de intensiva labuta. Foram precisos quatro manuscritos completos, um em **romaji** (alfabeto romano), que totalizou 2.100 páginas, e três em caracteres japoneses, chegando todos juntos a mais de 11.000 páginas. O Livro de Mórmon em japonês saiu do prelo em outubro de 1909.

Exatamente 23 anos depois de aberta, Heber J. Grant, então presidente da Igreja, decidiu fechar a missão "temporariamente" até uma época mais favorável. Quando a missão fechou, em agosto de 1924, certamente ninguém podia deixar de ver que, a despeito da derrota temporária, uma vitória considerável tinha sido conquistada. O Livro de Mórmon havia sido traduzido e publicado, e alguns japoneses corajosos haviam entendido a mensagem e encontrado forças para vivê-la. Um dos conversos que se achava pesaroso no meio do pequeno grupo de santos que se despediam dos missionários era Fujiua Nara, posteriormente designado como élder presidente do grupo. Ele não só se conservou fiel durante os anos de trevas que se seguiram, como hoje é o patriarca da Estaca de Tóquio.

Para se entender o milagre de um japonês filiar-se à Igreja naqueles dias, é preciso conhecer a força das tradições e cultura no Japão. O conceito da Palavra de Sabedoria, por exemplo, era extremamente difícil de entender, para eles, quanto mais de aceitar. A maior infração de cortesia social (de suprema importância no Japão) é alguém deixar de oferecer chá a um hóspede ou se recusar a aceitar essa gentileza. O mesmo se dá com o saqué, vinho de arroz servido invariavelmente nas cerimônias religiosas familiares, nas atividades sociais e feriados. Para o povo japonês, ambas as cerimônias estão ligadas à vida religiosa, e são manifestações de amabilidade.

Entretanto, a pior barreira a vencer era o apego do povo japonês ao seu imperador como pessoa divina, crença que entra em conflito direto com a supremacia de Cristo. Por muitos séculos, a lealdade até à morte ao imperador fora uma das vigas mestras da sociedade japonesa.

Que a despeito de todas essas barreiras, se fizessem conversos, com uma fé tão sólida a ponto de suportarem quase 24 anos de isolamento e provações, após a retirada dos missionários e programas da Igreja, é na verdade um dos grandes milagres do Evangelho de Jesus Cristo.

Cerca de 13 anos após ser suspenso o trabalho no Japão, o Presidente Grant reabriu a missão entre os japoneses residentes no Havaí. Em 1935, foi organizado um ramo japonês na Estaca de Oahu.

Jay C. Jensen, presidente da missão no Havaí, quando Pearl Harbor foi atacada pelas forças militares japonesas, disse aos missionários americanos:

"Vocês não devem odiar o povo japonês pelo que aconteceu em Pearl Harbor. Eles são gente boa, não podendo ser responsabilizados pelos atos de seus líderes, e o Evangelho ainda voltará ao Japão com todo o poder. Vocês devem amá-los da mesma forma como amam os japoneses aqui no Havaí, e trabalhar como se as horas do dia não bastassem; pois quer saibam ou não, vocês estão lançando os alicerces e preparando o caminho para o restabelecimento da Igreja no Japão, o que se dará num futuro próximo."

As palavras proféticas do Presidente Jensen cumpriram-se literalmente. Os seis homens que atualmente presidem as missões no Japão, são todos havaianos de origem japonesa que, excetuando apenas um, converteram-se à Igreja durante a gestão do Presidente Jensen. A maior parte da liderança inicial chamada para estabelecer novamente a Igreja no Japão proveio dentre aqueles que se filiaram à Igreja no Havaí ou trabalharam lá como missionários, durante o tempo da Missão Nipo-Havaiana.

Edward L. Clissold, sucessor de Jay C. Jensen, como presidente da missão, reabriu a missão no Japão após a II Guerra Mundial. Estava acompanhado por Melvyn A. Weenig, que servira como missionário e presidente de missão no Havaí. Os élderes mórmons que faziam parte das tropas militares americanas de ocupação já haviam preparado o caminho, partilhando o Evangelho com o povo e entrando em contato com os Santos, que haviam esperado durante todos aqueles "anos negros", como diziam, pelo retorno da luz da Igreja.

O trabalho missionário também se reiniciou com os soldados mórmons americanos. A um deles, convidado a aquecer-se junto ao fogo, ofereceram uma xícara de chá. Ele então explicou a Palavra de Sabedoria a Tatsui Sato, um químico e professor japonês, que mais tarde veio a ser a primeira pessoa batizada no Japão depois da guerra, e tradutor de uma nova edição do Livro de Mórmon, de Doutrinas & Convênios, Pérola de Grande Valor e outras obras importantes. Outro soldado, chamado Boyd K. Packer, agora membro do Conselho dos Doze, batizou a Irmã Sato no mesmo dia.

Pouco depois de chegar a Tóquio, no mês de março de 1948, o Presidente Clissold obteve a bênção de conseguir uma propriedade ideal para a sede da missão — a antiga residência parcialmente destruída do Ministro do Bem-estar. A Missão japonesa nunca tivera uma sede própria, assim nunca houve uma sensação de permanência. Os primeiros Santos sempre haviam desejado fervorosamente possuir um prédio próprio, sentindo essa falta de permanência como uma provação incomum quando a missão se retirou do Japão em 1924. Quando o novo presidente da missão imediatamente adquiriu uma propriedade, foi o mesmo que dizer ao povo japonês: "A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias veio para ficar, nunca

mais se retirará! Ao dedicar o edifício reconstruído, o Élder Matthew Cowley prometeu profeticamente que haveria "muitos edifícios da Igreja e mesmo templos nesta terra".

O primeiro de cinco missionários chegou em junho de 1948. Ao término do primeiro ano, havia 17, incluindo seis havaianos de ascendência japonesa. Sem dúvida havia muitas razões para o sucesso da Igreja no após-guerra, em contraste com os percalços do primeiro período no Japão; porém, uma das mais importantes é simplesmente a mudança do clima emocional. O povo japonês havia sofrido um choque terrível, e em sua ânsia de encontrar um caminho para reconstruir sua vida, muita gente agora estava propensa a escutar.

Esses sentimentos são resumidos assim por um converso, Toshio Toshizawa "Quando o Japão se rendeu a 5 de agosto de 1945, minha convicção sobre sua indestrutibilidade começou a vacilar. Para mim, que considerava o imperador como um deus personificado, tornava-se imperativo uma mudança de conceito. Tendo perdido a confiança, eu estava virtualmente perdido, sem saber o que fazer."

Ele estudou diversas religiões, tentando encontrar a espiritualidade possuída pelos antigos japoneses, mas suas tentativas foram em vão. Um dia, porém, Toshio encontrou na rua um missionário mórmon, cujo espírito, maneiras e mensagem o entusiasmaram estranhamente.

"Minha mente sedenta à procura de algo sentiu-se encantada pelo missionário e suas palavras. Senti-me como que correndo para a água de um oásis no deserto... A partir daquele momento decisivo, comecei a estudar o Evangelho de Deus, concentrando-me no Livro de Mórmon, ou na casa do missionário ou na Escola Dominical... A concentração no estudo foi o instrumento para convencer-me tanto pela razão quanto pelo sentimento, da veracidade do Evangelho de Deus.

Nos anos de após guerra, autoridades gerais em visita ao Japão externaram a convicção profética de que os santos japoneses desempenharão um importante papel na divulgação do Evangelho por toda a Ásia. Pelas perspectivas atuais, há muita evidência de que essas predições estão em vias de concretizar-se.

Uma das evidências é o amadurecimento espiritual dos santos japoneses pela viagens organizadas ao Templo do Havaí. Em julho de 1965, sob a direção do presidente da missão, Dwayne N. Andersen, 166 membros japoneses participaram pela primeira vez de uma excursão em grupo ao Templo do Havaí, com sessões realizadas em japonês. Desde aí, vêm se repetindo excursões anuais ao templo, as quais representam um importante marco espiritual na vida dos santos japoneses.

Outro ponto alto foi a abertura do Pavilhão Mórmon na Exposição Mundial de 1970, em Osaka, Japão. Ele foi visitado segundo estimativa, por cerca de seis milhões de japoneses, produzindo mais referências do que os missionários poderiam atender em vários anos.

No mesmo dia da inauguração do Pavilhão Mórmon, foi organizada em Tóquio a primeira estaca asiática da Igreja. Poucos dias depois, a Missão do Japão, que fora dividida pela primeira vez em 1968, voltou a dividir-se, formando duas novas missões. Dois anos mais tarde, em setembro de 1972, era formada a segunda estaca em Osaka. Então, em outubro de 1974, a Estaca de Tóquio foi dividida para formar uma nova estaca em Yokohama. Nesse meio tempo, a Missão do Japão Central e a Missão do Japão Leste foram ambas divididas, dando origem a mais duas missões.

O programa completo da Igreja e a necessária liderança local têm mantido o passo com o desenvolvimento das missões. Os seminários e institutos funcionam com supervisores locais. Kan Watanabe, Representante Regional do Conselho dos Doze, foi o primeiro presidente de missão natural do Japão, agora dirige os Serviços de Tradução e Distribuição da Igreja na Ásia, com sede em Tóquio. O Centro Editorial de Tóquio funciona com uma equipe local.

A Igreja também está progredindo sob outros aspectos, no Japão. De acordo com a recém-anunciada norma, de ter Autoridades Gerais residentes, fora dos Estados Unidos, o Élder Adney Y. Komatus, assistente do Conselho dos Doze e havaiano de ascendência japonesa, foi escolhido como Autoridade Geral residente para a Ásia. Esta nova norma certamente trará grandes bênçãos para o povo do Oriente.

Outro setor vigoroso é um ativo programa de construção que treina missionários locais, que são chamados para missões de construção, geralmente pelo período de dois anos. Muitos desses construtores de capelas fazem missão de proselitismo de tempo integral, quando terminam o serviço de construção, e na volta passam a ocupar posições de liderança espiritual. Com exceção do supervisor de área do departamento de construção e imobiliário, a construção de capelas é feita por pessoal japonês.

A Igreja mantém igualmente uma equipe crescente de genealogistas japoneses para filmar registros e estatísticas demográficas à medida que estejam disponíveis. É um trabalho particularmente estimado pelos santos japoneses, por causa de seus fortes laços familiares e a alta estima que têm por seus antepassados.

O crescimento da Igreja no Japão, nos últimos 27 anos, é um milagre, um milagre de fé e testemunho — o milagre do amor de Deus semelhante ao raiar do sol após uma noite fria e escura! Diante de nossos olhos, está a prova de que o povo japonês pode tornar o Evangelho de Jesus Cristo a força motivadora de suas vidas, sem desonrar os antepassados ou as tradições de sua sociedade.

Porém, não lhes é fácil. Para serem bons santos dos últimos dias e bons japoneses, ao mesmo tempo, os membros da Igreja são obrigados a adaptar antigos conceitos a novas formas de expressão. Têm que ter igualmente a coragem de destacar-se entre seus pares, o que contraria séculos de treinamento, para se tornarem modestos e socialmente gentis. Isto dificulta sobremaneira, em quaisquer circunstâncias, a observância da Palavra de Sabedoria que trata o corpo como um templo de Deus e o espírito como o puro centro do templo. Por

mais difícil que seja, viver a Palavra de Sabedoria coloca-nos muito mais próximos do verdadeiro sentido da harmonia total com o universo do que se pode conseguir através de todos os rituais de séculos.

Do bom japonês se espera que reverencie seus antepassados e lhes preste homenagem nos santuários familiares, em casa e através de festivais especiais. Um desses festivais é o **Obon,** onde as famílias se congregam em seus lares ancestrais anualmente, em agosto, para honrar seus mortos com danças, paradas e festas cerimoniais que conjuram a presença dos espíritos dos seus idos. Os bons santos dos últimos dias, por outro lado, encontram uma forma muito mais profunda e mais sincera de demonstrar reverência e respeito por seus antepassados na ênfase que o Evangelho dá à santidade cotidiana de todo relacionamento familiar, ao selamento eterno dos laços familiares e à coleta de registros genealógicos de seus mortos.

Considerando-se filhos de Deus, progênie literal de um ser divino em cuja forma e semelhança são criados espiritual e fisicamente, os membros japoneses da Igreja podem visualizar-se não apenas na mesma relação harmoniosa com as pedras e arbustos de seus jardins, mas como os criadores de jardins — agindo por si mesmos e não sendo coagidos. Podem ver-se em seu genuíno relacionamento com a terra e os céus, como deuses embrionários aprendendo a transformar a substância da vida em modelos ainda mais sublimes de beleza e verdade, através de harmoniosa obediência às leis pelas quais opera seu Pai e Criador em todo o universo.

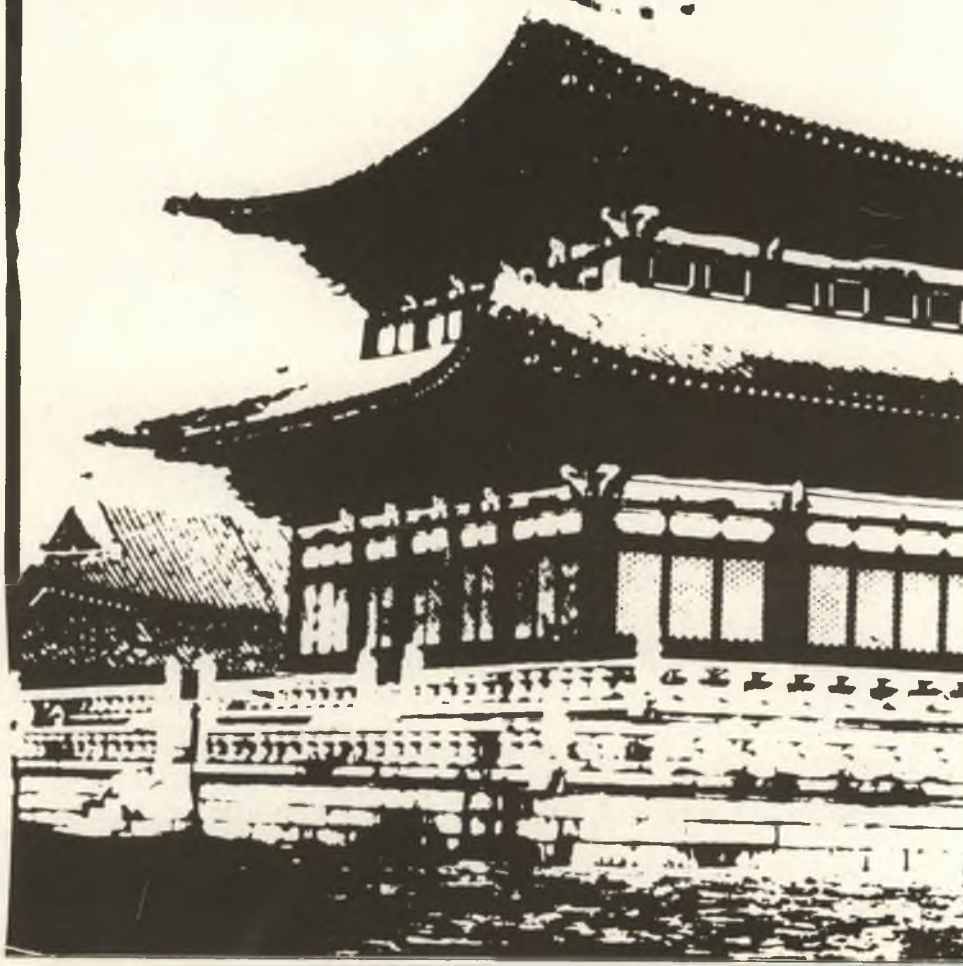
Nós, no Japão, ainda estamos engatinhando. Quando os grandes conceitos do mormonismo se tornarem mais conhecidos e mais plenamente entendidos entre o povo japonês em geral, o potencial da Igreja no Japão, e igualmente em toda a Ásia, será de ilimitada magniutde. Milhares de testemunhos testificam que o sol da fé raiou na Terra do Sol Nascente; e nesses testemunhos, a promessa do futuro é certa!

Coréia, A Fênix do Oriente

A Coréia, a "Terra da Serenidade Matutina", é uma pequena península montanhosa no leste da Ásia, de uns 950 quilômetros de comprimento, abrigando perto de 35 milhões de habitantes. O clima, muito semelhante ao povo, é bastante ameno, a despeito de suas quatro estações. Os coreanos são uma raça antiga, homogênea e distinta tanto os chineses como japoneses. São uma gente otimista, paciente, idealista e um tanto reservada.

Há vinte e cinco anos atrás, o troar dos canhões rompeu o silêncio daquela tranqüila manhã de domingo na "Terra da Serenidade Matutina". Era junho de 1950. A guerra que começou naquela manhã duraria três anos e ceifaria mais de dois milhões de vidas humanas.

O inesperado acontecimento da guerra foi a introdução do Evangelho de Jesus Cristo entre o povo coreano. Embora trazendo muitas provações ao povo, as lutas trouxe-



ram também uma porção de tropas norte-americanas, e entre elas centenas de soldados mórmons. Dentro em pouco, podia-se ouvir a melodia de hinos SUD, quando esses militares partilhavam seu testemunho com os camaradas coreanos.

Das cinzas da guerra a Coréia ressurgiu qual um fênix. Seul, a capital, tornou-se uma metrópole moderna de seis milhões de habitantes. Porém, muito maior que a conhecida recuperação econômica da Coréia, é o rápido crescimento da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias nesse país. Desde que o primeiro soldado SUD compartilhou sua fé com os irmãos coreanos, a congregação da Igreja cresceu para quase dez mil membros que se reúnem em 16 cidades. A Estaca de Seul tem oito alas e dois ramos, além dos 21 ramos das duas Missões. A Igreja ainda conta com 12 capelas de sua propriedade.

Os militares SUD ainda continuam exercendo grande influência sobre a Igreja na Coréia, porém agora seus esforços se unem aos dos 300 missionários de tempo integral designados para a Missão da Coréia-Seul e Missão da Coréia-Pusan, e dos quase cinco mil membros da Estaca do Seul, a primeira estaca organizada no continente asiático.

Muitos dos que se filiaram à Igreja durante os anos de guerra ocupam agora cargos de liderança. Dois destes são Rhee Ho Nam *, presidente da Estaca de Seul, e Han In Sang, que em julho p.p. tornou-se presidente da nova Missão da Coréia-Pusan.

O Presidente Rhee descreve assim seus primeiros contatos com a Igreja: "Exatamente como muitos outros líderes entre os santos coreanos, conheci o Evangelho restaurado através de companheiros mórmons durante a guerra. Convidado para uma reunião da AMM durante a guerra, fiquei surpreso ao ver-me chamado de "irmão" e receber calorosos apertos de mão do pequeno grupo de militares norte-americanos. (Eu estava acostumado a um tratamento bem mais ríspido por parte dos soldados de além mar.) Nas semanas seguintes, observei atentamente o jovem soldado mórmon que me levara à AMM. Esse soldado não estava corrompido pela vida desenfreada daqueles tempos. Eis um homem que não fumava nem bebia, e que observava escrupulosamente as leis da castidade. O exemplo daquele moço fora do comum era irresistível, e pouco depois fui batizado."

"Minha história é semelhante à de muitos coreanos", diz o Presidente Han In Sang. "Quando irrompeu a guerra na Coréia, eu era um garoto de uns treze anos, jovem o suficiente para ser voluntarioso e apegado à vida cotidiana. Foi quase demais para mim. Os comunistas simplesmente invadiram nossa casa e levaram tudo o que havia. Chegaram mesmo a matar alguns de nossos familiares. A vida transformou-se repentinamente em desastre, medo e desespero e tragédia. Tornou-se para todos nós uma carga inútil, forçada e involuntária, sem esperanças, nem sonhos.

"Essa era a condição geral de toda a minha geração, quando ouvimos falar do Evangelho pela primeira vez. Imaginem só, nós ousarmos pensar no futuro em meio a lares destruídos e tiroteios, por demais famintos fisicamente, para até mesmo reconhecermos nossa crítica fome espiritual. Precisávamos descobrir o sentido da vida. Então vieram os missionários mórmons, acompanhados de jovens e gentis soldados, para convencer-nos de que a vida era tão preciosa, que não devia ser olhada cruelmente.

"Aprendemos o valor da vida eterna. Aprendemos que todo aquele que entender e aceitar o Evangelho pode ter paz e alegria. Aprendemos que nos encontraremos novamente, na presença do Senhor, com os entes queridos que nos deixaram tão tragicamente, só então seremos uma unidade familiar feliz e eterna. Não concordam comigo que os coreanos necessitavam dessa mensagem restaurada mais do que ninguém, naquele tempo?"

Em abril de 1956, foram transferidos os dois primeiros missionários do Japão para trabalhar na Coréia. Estavam sendo enviados pelo Presidente Paul C. Andrus, presidente de missão em Tóquio, que mais tarde serviu como Representante Regional do Conselho dos Doze na Coréia. Quando aqueles primeiros missionários lá chegaram, foram recebidos por 64 membros que haviam sido convertidos por soldados mórmons.

Os primeiros conversos coreanos mostravam um interesse vital pela mensagem que ouviram daqueles missionários estrangeiros, de cabelos louros e olhos azuis. Eles falavam sobre unidade familiar, genealogia, trabalho no templo para os vivos e pelos mortos, e sobre a lei da castidade. Até mesmo o conceito de Deus explicado pelos missionários era muito semelhante a certos conceitos já conhecidos pelos coreanos.

Por que a mensagem evangélica da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é tão prontamente aceita pelos coreanos? A resposta é simples. Os princípios pregados não são novos, são apenas um enriquecimento de muitas crenças tradicionais coreanas.

Por exemplo, **Dae Jong,** popular religião coreana estabelecida em 1909, possui um conceito de Deidade semelhante ao do cristianismo. Ensina que existem muitos deuses; porém um é mais alto e glorioso. Seu filho (Dan Koon), atuando como mediador, é a fonte espiritual de ajuda para o povo.

A lei da castidade tem sido muito acentuada por todos os coreanos. Muitos decidiam antes morrer do que viver em desgraça decorrente da imoralidade.

Os antepassados são tradicionalmente reverenciados na Coréia. Toda família respeitável tem mantido registros genealógicos durante toda a história da Coréia. Os coreanos que dão grande valor à veneração dos antepassados, encaram com muito interesse a mensagem do Evangelho restaurado que ensina que nossos ancestrais (e todos os mortos) poderão ser salvos através de nosso trabalho genealógico.

Conta o Presidente Han In Sang: "Certa vez, fui convidado por uma emissora nacional de rádio para fazer uma palestra sobre nossa religião. Nessa ocasião, mencionei o trabalho genealógico da Igreja. Esse ponto suscitou tanto interesse, que me levou a mais três oportunidades para falar no rádio a respeito da Igreja. Nós, membros coreanos, sentimo-nos convictos de que nossos ancestrais foram instruídos

pelo Senhor para elaborar e manter registros genealógicos da família para seus propósitos.

"O Irmão Kim San, membro do sumo-conselho da Estaca de Seul, conseguiu traçar sua linhagem por 70 gerações. Agora está profundamente interessado nos problemas de encontrar as ligações com linhagens bíblicas. A Irmã Kim Do Pil, uma de nossas primeiras convertidas, reconsittuiu 40 gerações da sua linhagem, a despeito de sua idade avançada e debilidade. Tais feitos genealógicos somente são possíveis em virtude da prática de grande parte das famílias coreanas, manter registros familiares".

A família é uma unidade toda especial em todo o mundo, porém particularmente na Coréia. Por exemplo, as famílias coreanas tradicionalmente vivem em unidades bem mais amplas, às vezes com duas ou três gerações morando sob o mesmo teto. Devido à influência da cultura ocidental, esse costume está agora desaparecendo rapidamente, mas o relacionamento familiar ainda continua forte. Por esse motivo, o programa de reunião familiar da Igreja cala tão profundamente nos instintos coreanos

A ânsia de conhecimento do coreano provém de uma longa e rica tradição São raros os outros lugares da Igreja em que se encontram, hoje em dia, membros tão instruídos como eles Os coreanos levam muito a sério a declaração de que "é impossível ao homem ser salvo em ignorância". (D&C 131:6) Eles reconhecemno Evangelho restaurado a satisfação do justo anseio pela excelência.

Após uma visita a Seul, em 27 de fevereiro de 1968, o Presidente Spencer W. Kimball anotou em seu diário pessoal: "Descobrimos nos coreanos uma insaciável sede de conhecimento; muitos deles possuem formação universitária, e alguns o grau de doutor. São um povo bem cuidado e atraente."

O Dr. Kim Ho Jik, primeiro converso coreano, ilustra a busca de perfeição dos coreanos. Dele disse um amigo, certa ocasião: "Sua influência benéfica e sua simples fé em Deus foi uma grande luz para o povo da Coréia."

Chegando à Coréia em 1956, os missionários foram auxiliados pelo novo presidente de distrito, Dr. Kim Ho Jik, que havia sido designado no mês de agosto anterior, quando o Presidente Joseph Fielding Smith, do Conselho dos Doze, subiu uma colina da qual se descortinava a cidade de Seul devastada pela guerra, e dedicou a Coréia para a pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Sua visita seguiu-se a uma viagem de observação feita pelo Élder Harold B. Lee, do Conselho dos Doze em 1954. Talvez seja mais que coincidência que em agosto p. p., quando o Presidente Spencer W. Kimball se tornou o primeiro presidente da Igreja a oficiar no continente asiático nesta dispensação, fê-lo não muito distante da mesma colina da qual a "Terra da Serenidade Matutina" fora dedicada, há vinte anos antes.

Durante três anos, os missionários na Coréia foram dirigidos pelo Presidente Kim, então vice-ministro da Educação da Coréia. O espírito de partilha do Evangelho é muito penetrante. Estava-se em plena guerra quando, em 1951, esse irmão foi convertido por um colega de estudos de doutoramento, na Universidade Cornell dos Estados Unidos. Já então uma figura preeminente do governo coreano, o Presidente Kim doutorou-se nesse mesmo ano. Porém, o mais importante, foi batizado, aos 45 anos de idade, no Rio Susquehanna, o mesmo rio em que se batizaram o Profeta Joseph Smith e Oliver Cowdery, 122 anos antes. Foi o primeiro coreano de renome a filiar-se à Igreja, voltando para a Coréia nos anos de guerra para ascender à posição influente no governo. Em agosto de 1952, dois de seus filhos estavam entre as primeiras pessoas a serem batizadas por militares americanos. Ao falecer em 1959, havia preparado o caminho para outros receberem o Evangelho. Ainda hoje é a mais importante figura governamental da Ásia que se tornou santos dos últimos dias.

Embora sua posição no governo fosse de grande importância, o Irmão Kim considerava suas responsabilidades na Igreja ainda maiores. Certa manhã de domingo, ele estava dando aula na Escola Dominical, quando o presidente da Coréia, Rhee Seungman, mandou seu secretário, no carro presidencial, buscá-lo para discutirem um importante assunto no palácio do governo.

Encontrando o Irmão Kim dando aula, o secretário insistiu que o acompanhasse imediatamente. O Irmão Kim disse-lhe que só iria com ele depois de terminada a aula. Quando finalmente chegou a encontrar o Presidente Rhee, foi repreendido por causar tal demora. Então o Irmão Kim explicou ao presidente e aos outros ali reunidos, que, em vista da importância de seu chamado como professor da Escola Dominical, tinha que terminar a aula antes de poder atender à convocação. Ao que o Presidente Rhee, dando-se conta do quanto a Igreja significava para o Irmão Kim, respondeu: — **Chalhaeso!** (Fez muito bem!)

Em 1962, era aberta a Missão Coreana, tendo como primeiro presidente Gail E. Carr. Esse acontecimento seguiu-se a uma histórica visita feita pelo Élder Gordon B. Hincley, do Conselho dos Doze, em maio de 1961.

Desde o estabelecimento da missão, a Igreja vem crescendo rapidamente na Coréia. O número de batismos aumentou, chegando a mais de 900 só em 1974. Mais e mais famílias estão se filiando como unidades completas. Os programas da Igreja para a família e o programa genealógico para os familiares falecidos são altamente efetivos entre um povo que reverencia a família acima de qualquer outra instituição.

À medida que os programas e o número de membros continuam se expandindo, acelerados pela visita das muitas autoridadexs gerais por ocasião da conferência de área, as palavras do Presidente Hugh B. Brown, proferidas durante uma visita a Seul, em abril de 1967, estão cada vez mais próximas de se cumprir: "Chegará o tempo em que dezenas de milhares do povo desta terra se filiarão à Igreja de Jesus Cristo e receberão as bênçãos do Evangelho por viverem seus princípios."

* NOTA: De acordo com o costume local, os sobrenomes coreanos estão colocados antes dos nomes próprios, neste artigo.

As "International Magazines" agradecem as contribuições de Rhee Ho Nam e Han In Sang para o presente artigo.

Filipinas,

As Ilhas de "Bayanihan"

A República das Filipinas é uma terra de fascinante variedade. Geograficamente, as 7.107 ilhas tropicais que constituem esse país, espraiam-se desde as imediações de Taiwan, ao norte, até pero da Malásia, no Sul — uma distância de 1.600 quilômetros. Grande parte das Filipinas situa-se numa região altamente vulcânica, pelo que cerca de metade de suas ilhas não têm nome. Outras ilhotas são formadas ou foram destruídas por essa mesma ação vulcânica. Algumas das ilhas maiores, localizadas em plena zona tropical, são cobertas de densas florestas, as quais, aliadas às altas montanhas, deixaram muitas regiões inexploradas.

A fascinante variedade das Filipinas não se limita ao aspecto geográfico, existindo igualmente no povo. Um filipino pode ser de ascendência chinesa, americana, indiana, espanhola ou japonesa, ou então uma mescla de todas elas, sendo a influência predominante a malaia. Quanto à religião, poderá ser católico, protestante, muçulmano ou pagão. Poderá falar um dos oito idiomas principais ou um dos oitenta dialetos secundários. Porém, em toda essa mistura de culturas orientais e ocidentais, não se encontra nenhuma tensão social, mas a tradição nacional do **bayaniham** (trabalho em conjunto).

A tradição do **bayanihan** tem contribuído para o crescimento da Igreja. Quando rededicou as Filipinas para a pregação do Evangelho em 1961, dizia o Élder Gordon B. Hincley: "Nós invocamos tuas bênçãos sobre o povo desta terra, para que sejam amáveis e hospitaleiros, bondosos e gentis para com aqueles que aqui virão, a fim de que muitos milhares recebam esta

mensagem e por ela sejam abençoados."

Entre um povo tão cooperador, as palavras proféticas do Élder Hinckley estão encontrando cumprimento. Missionários de tempo integral que voltam desse país, muitas vezes contam que jamais alguém lhes bateu a porta na cara. Famílias totalmente desconhecidas os convidavam para entrar e compartilhar de sua refeição de peixe com arroz. Em Victorias, o povo começou a "surgir do nada", quando os élderes lá chegaram para abrir a área. Recentemente, apareceu um presidente de ramo da distante localidade de Balitwak para contar ao presidente da missão em Manila que tinha 35 investigadores na Escola Dominical.

Nos oito anos, desde que as Filipinas foram desligadas da Missão do Extremo Oriente Sul, o número de membros da Igreja aumentou para quase 20.000 santos, distribuídos em duas missões e uma estaca. Esse crescimento fenomenal é conseqüência da coperação dos membros com os missionários, segundo o caloroso costume filipino.

Um ex-missionário contou que ele e seu companheiro ensinaram uma garota, empregada doméstica, chamada Mary, que só falava umas dez palavras de inglês. Ela costumava freqüentar a Igreja com a família para a qual trabalhava, porque gostva do espírito reinante nas reuniões, embora não entendesse uma palavra do que estava sendo falado. Porém, recusava-se a ouvir as palestras. Então, com espírito de amor e prestimosidade, a família traduziu as palestras, palavra por palavra. Auxiliada por seus amigos e um dicionário, Mary começou a ler o Livro de Mórmon, levando às vezes um dia inteiro para vencer uma página. Desde que foi batizada, ela leu também **Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro** e **Jesus o Cristo,** em Inglês.

O espírito de **bayanihan** se faz sentir principalmente dentro da família, e esse forte vínculo familiar fortalece os laços dentro da Igreja. O novo programa missionário da Igreja, baseado na aproximação através da reunião familiar, tem tido enorme sucesso nas Filipinas. Em certa área, houve mais de 40 batismos resultantes do convite a investigadores para reuniões familiares em casa de membros amigos, e do proselitismo, com os missionários de tempo integral.

Quando os filipinos entram em contato com o Evangelho, eles querem compartilhá-lo também com os parentes. José Zulueta ouviu um sobrinho falar a respeito dos mórmons e veio investigar, tímido e sério, embora radiante. Cinco semanas mais tarde, ele, a esposa e o filho foram batizados. Na manhã seguinte, ele foi contar aos élderes uma experiência notável:

"Embora soubesse intimamente que a Igreja era verdadeira, eu queria receber para minha oração, uma resposta mais forte. Orei com mais fervor do que nunca para que o Senhor me dissesse que o que eu havia feito era agradável ao seus olhos. Não tive resposta alguma e fui para a cama muito triste e desanimado."

Dormindo, ele viu um homem vestido de branco que o chamou pelo nome. Ao responder, o homem apontou-lhe diretamente o dedo e disse: "José, levanta da cama e cai de joelhos para agradecer ao Senhor por ter mandado aqueles missionários à tua casa."

Então o Irmão Zulueta foi procurar os missionários, querendo saber se seu sonho fora de origem divina.

— Como o irmão se sentiu depois do sonho — perguntaram os missionários.

Com lágrimas nos olhos, ele respondeu que se sentira tomado pelo espírito. "Meu coração ardia dentro de mim, e muitas vezes, durante a noite, meu amor a Deus e à Igreja subiu aos céus através de orações."

O espírito do **bayanihan** se manifestou igualmente na nova Estaca de Manila, criada em 1973. Quando os ramos tiveram que ceder líderes para preencher os cargos da estaca, os membros foram obrigados a preencher os lugares vagos. Certo observador assim explica a cooperação deles: "Os líderes diziam: 'Ela é uma excelente presidente da Primária. De onde veio?' Na verdade, sempre estivera ali, mas não havia sido chamada até que a presidente anterior foi chamada para a estaca."

Os programas de seminário e instituto são notáveis exemplos de cooperação entre alunos e professores. Iniciados há quatro anos, com 100 alunos e 9 professores, agora os programas contam com 2.000 alunos em todo o país e mais de 100 professores. Augusto A.

Lim, presidente da Estaca de Manila, deixou temporariamente sua carreira de advogado, em uma companhia de mineração, para dedicar-se integralmente ao programa do seminário como professor. Ele é incentivado pelo grande efeito exercido pelo programa no fortalecimento do testemunho dos jovens e sua preparação para serem missionários.

Um desses missionários é o Élder Reynaldo Sanchez, rapaz filipino que atendeu ao chamado do Presidente Spencer W. Kimball, pedindo missionários locais. Ao ser transferido para Silang, juntou-se a quatro missionários norte-americanos, de tempo integral, que vinham trabalhando diligentemente há cinco meses, sem conseguir uma só conversão. Com seu caloroso entusiasmo e conhecimento dos costumes locais, o Élder Sanchez ensinou e batizou dez pessoas no primeiro mês, e mais oito no mês seguinte.

Tais histórias de conversões são típicas nesse país, porque o Senhor está abençoando o povo filipino, à medida que ele se esforça, e se sacrifica. É o caso de Senin J. Pineda, atualmente servindo como primeiro conselheiro do presidente da Missão nas Filipinas Cebu-City.

Dirigindo por San Fernando certo dia, em companhia de sua esposa, ele viu dois moços americanos. Parou e perguntou se eram missionários, convidando-os para sua casa. "Eles quase deixaram cair os livros", recorda ele. Incidentalmente, os tópicos Palavra de Sabedoria e dízimo foram mencionados na primeira palestra. Então, interrompendo os missionários o Irmão Pineda levantou-se, foi para o cômodo ao lado e trouxe o dízimo que ele e a esposa haviam guardado.

Os Pineda explicaram que haviam aprendido o princípio do dízimo numa seita protestante que também batizava por imersão, ungia os enfermos com óleo e imposição das mãos, tinham Escola Dominical e atividades para jovens e crianças.

Nos últimos dois meses, entretanto, eles tinham deixado de freqüentá-la, e o Irmão Pineda orara todas as noites, depois de a família estar dormindo, para que o Senhor os levasse à igreja verdadeira. "Continuo sem saber onde arranjei as palavras **igreja verdadeira"** disse ele.

Ele não teve dificuldade em aceitar o Evangelho, mas a Palavra de Sabedoria parecia um obstáculo intransponível, pois tomava em média seis xícaras de café e fumava três maços de cigarro por dia. Contudo, depois de os missionários terem explicado a Palavra de Sabedoria naquela primeira aula, "ajoelhei-me em oração e, sem exagero, larguei-os tão facilmente quanto me ajoelhei".

Foi batizado antes da segunda palestra, muito a contragosto da esposa. Porém uma semana mais tarde, ela o seguiu, e também os filhos.

Então surgiu a verdadeira prova. Enquanto era membro da presidência do distrito, foi-lhe oferecido um emprego na maior companhia de cigarros das Filipinas. O diretor de vendas viajou 80 quilômetros e esperou um dia inteiro enquanto o Irmão Pineda estava na Igreja para saber de sua resposta, mas este não aceitou o emprego. Meses depois, embora tendo contratado outra pessoa, o diretor de vendas voltou a oferecer-lhe o cargo. Dessa vez, a tentação de aceitá-lo foi maior — uma filha estava iniciando a faculdade, os outros filhos estavam todos na escola. Finalmente, ele aceitou o emprego.

"Embora a salvo de quaisquer dificuldades financeiras, não éramos felizes. Qualquer coisinha me fazia estourar em casa", lembra ele. Compreendeu que a felicidade familiar exigia sacrifício — menos dinheiro, a desistência do carro, menos estudo para alguns dos filhos, e humilhações por parte de amigos e parentes. Não obstante, "tendo ainda meu testemunho do Evangelho", o Irmão Pineda demitiu-se. A família inteira colaborou no reajustamento à nova situação econômica. As coisas foram tão duras quanto o esperado, mas os filhos puderam continuar os estudos. "Mas não me arrependo; minha família e eu somos felizes e gratos por eu ter me demitido."

Através do empenho de gente como eles, a Igreja está crescendo nas Filipinas. E, conforme lembra humildemente o Presidente Carl D. Jones, da Missão das Filipinas Cebu-City, aos seus companheiros missionários: "Nós ceifamos apenas um pequeno campo; ainda restam muitos a cuidar que, exatamente como promete D&C 4:4; estão brancos, prontos para a ceifa."

O Templo do Arizona da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Fotografia copyright 1975 pela Corporação do Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Planos para visitas públicas ao Templo de St. George e as cerimônias subseqüentes de re-dedicação foram anunciadas pela Primeira Presidência.

O templo no sudoeste de Utah foi construído há um século atrás, e está passando por grandes reformas internas e adições externas, e será aberto a visitação pública por dez dias, começando a partir de 15 de outubro de 1975, quarta-feira.

Seguindo-se à visitação pública, o templo será fechado de novo e seus trabalhos de re-dedicação serão conduzidos na terça e quarta-feiras, 11 e 12 de novembro de 1975, sob a direção do Presidente Kimball.

O templo está sendo completamente retocado por dentro. Haverá um novo sistema elétrico, um sistema de "sprinkler" para proteção contra o fogo, novo equipamento de ar condicionado e de aquecimento, novos tapetes, e mobília. A atual fonte batismal, que repousa nas costas de doze bois de metal, foi recondicionada, e o seu interior está sendo revestido com aço inoxidável.

O velho edifício onde se encontrava o anexo ao templo foi removido, e um novo anexo de um andar acrescentado ao lado norte do templo. O exterior do anexo é do mesmo estilo do desenho do templo, que foi construído de pedra sabão vermelha e então pintada de branco.

Quatro novas salas de selamentos (para casamentos) estão sendo acrescentadas, formando um total de doze, e deverá haver também uma nova sala de noivas.

O Templo St. George foi iniciado em fins de 1871, sob a direção de Brigham Young. Embora o Templo de Salt Lake tenha sido iniciado 18 anos antes, ele somente foi terminado após 40 anos, e o Templo de St. George tornou-se a primeira "Casa do Senhor" a ser terminada depois que os Santos dos Últimos Dias chegaram na parte ocidental dos Estados Unidos. Foi dedicado a 6 de abril de 1877, apenas quatro meses após a morte de Brigham Young.

O Templo de St. George — Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

O Presidente Spencer W Kimball re-dedicou o Templo do Arizona em Mesa, a 15 e 16 de abril. O templo está agora reaberto para as sessões normais. Esteve fechado por um ano e foi re-dedicado devido ao intenso remodelamento interior e à adição de um prédio anexo.

Poucas semanas antes da re-dedicação do templo, foram realizadas visitas públicas, permitindo que um total aproximado de 250.000 pessoas o visitassem.

Os serviços de re-dedicação foram repetidos sete vezes em dois dias, cada vez com uma capacidade de 4.600 pessoas no templo, no centro de visitantes e no centro das três estacas que fica próximo. Todos os membros do Conselho dos Doze estiveram presentes e falaram, exceto o Élder Mark E. Petersen, cuja esposa faleceu a 15 de abril. Diversas outras Autoridades Gerais estavam também presentes.

0 Presidente Kimball observou em sua mensagem de re-dedicação que se haviam passado 48 anos desde que o Presidente Hebert J. Grant dedicou o templo pela primeira vez. O Presidente Kimball esteve presente a esse primeiro trabalho de dedicação, como membro do Coro da Estaca de St. Joseph Arizona.

Ele falou do signado dos templos, observando que o recentemente anunciado templo do Brasil elevará a 17 o número dos templos operados pela Igreja. Lembrou aos santos que profetas declararam estar próximo o dia em que centenas de templos serão encontrados pelo mundo. Conclamou todos os membros a viverem dignamente, de acordo com os padrões da Igreja, a terem orações familiares e reuniões familiares, "e acima de tudo, a obedecerem aos mandamentos de Jesus Cristo."

Amigos em Taiwan

"Quando relembro minha infância vejo que o tempo passou voando. O que mais me impressiona é a memória dos dias gostosos e alegres quando ia à Primária. Ali ouvíamos falar do grande amor de Jesus Cristo e cantávamos cantigas alegres e tocantes hinos em louvor ao Senhor. Às vezes a gente inventava pequenas peças teatrais ou todos participavam de jogos. Nossas professoras nos ensinavam com todo cuidado, mostrando-nos como desenvolver nossas boas qualidades.

"Quando me formei na Primária e recebi o certificado e estandarte dos Luzeiros, meu coração estava cheio de uma alegria difícil de descrever. Fiquei contente de ter tão lindo estandarte que mostrava que eu já havia terminado um dos cursos da Igreja. Mas também me sentia triste porque sabia que ia sentir falta das alegres horas na Primária."

Weng Cheng I

"Um dia, estando no quintal, vi duas moças estrangeiras chegando à nossa casa. Elas bateram na porta e disseram que eram missionárias. Então as fiz entrar para conversarem com mamãe.

"Elas começaram a nos ensinar o Evangelho e logo entramos para a Igreja. A professora substituta em nossa escola também era membro da Igreja. Ela incentivava os alunos da sua classe a que freqüentassem a Primária e a Escola Dominical Júnior.

"Em Taiwan as crianças estão muito ocupadas na escola. Elas não têm muito tempo livre. Nos feriados muitas vezes vão pescar, escalar montanhas, nadar ou jogar xadrez em casa.

"A maioria delas é budista. Nos dias de festa, costumam queimar dinheiro de papel e soltar bombinhas para terem boa sorte e também para afugentar o demônio."

Liu Chen Chen

"Um dia, dois élderes bateram na nossa porta e perguntaram se podiam pregar o Evangelho à nossa família. A mensagem deles nos tocou.

"Passado algum tempo nossa família batizou-se. Quando entrei nas águas do batismo, senti que a Igreja era maior e mais sagrada do que havia pensado. Sempre que piso a capela e ouço os suaves hinos e o piano tocando, sinto-me contente, especialmente quando o coro canta.

"O tempo passou muito depressa. Já faz três anos desde que entrei para a Igreja. Preciso continuar a estudar e entender mais a respeito do Evangelho. Sei que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira. A fim de honrá-la temos que guardar os mandamentos de Deus e levar uma vida limpa."

Lin Wei Wei

"Meu nome é Chin Hua Hsiang. Estou na terceira série. Tenho pai, mãe, três irmãos e duas irmãs. Todos da minha família são membros. Meu irmão mais velho está no **campus** da BYU no Havaí. Outro irmão está estudando aqui mesmo.

"Nossa família tem sido ativa na Igreja desde que ela foi estabelecida no nosso país. Nossa vida agora é inseparável das atividades da Igreja. Todos os membros se preocupam de verdade comigo. Eu fui batizado no ano passado, quando fiz oito anos. Eu adoro as atividades da Igreja como a reunião familiar.

"Sei que o nosso Pai nos céus nos ama. O mundo é um lugar maravilhoso. Sou agradecido a Deus por ele nos dar uma igreja verdadeira e permitir que cresçamos com amor."

Chin Hua Hsiang

"Quando fiz oito anos minha mãe me levou à Igreja e meu entendimento a respeito dela aumentou.

"A Primária tem sido uma grande influência para mim. Sempre que tenho um problema, minha professora da Pdimária me ajuda. Eu devo muito à Primária quanto à minha instrução e meu testemunho. Sei que isto é uma bênção de Deus. Creio também que podemos ganhar mais bênçãos sendo bons membros da Igreja."

Teng Chia Chi

"Todos da minha família são membros da Igreja. Meu pai é professor. Ele sempre é bom para nós e nos faz muito felizes. Também tenho u'a mãe bondosa, que trabalha muito e passa quase o tempo todo cuidando de nós. Sou grata por mamãe e por seus cuidados carinhosos.

"Tenho ainda três irmãs. Todos os dias elas me ensinam como ser uma boa menina. Elas sempre me levam para a Igreja. Embora a gente às vezes brigue um pouco, nós somos boas amigas.

"Eu sei que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira. Sei também que a minha família é uma unidade eterna que Deus nos deu."

Li Man Chen

Amigos em Hong Kong

1. Kow Teau Hung
2. Shum Yan Chik
3. Au Yeung Chi Kwong
4. Ng Pau Yee
5. El Mak Kam Yin
6. Chaw Ka Kee
7. Chau Kim Ching
8. Chau Ka Fa
9. Au Yeung Chi Ming
10. Wong Siu Ming
11. Au Yeung Chi Kwong
12. Chaw Ka Yee
13. Kow Tsau Hung
14. Chau Kim Ching

AMIGOS NA CORÉIA

Han, Bo-hee

Rhee Kyong-ji, Rhee Byong-ryol,
Rhee Kyong-hae, Rhee Kyong-un

Choi, Mee-young

Yi, Kyeoung-un

Kim, Meen-sook

Pak, Chul-sung

Nam, Mee-hyun

Hong, Chee-young

Kang, Sun-koo

Hwan, Choi-young

Kim, Tae-gee

Choi, Hee-myu

Pak, Hyo-jin

Pak, Chul-sung

Kim, Suk-joo

Yi, Yang-soon

Pak, Joong-jeen

Pak, Yung-sook
Pak, Sung-kyu

Pak, Pyung-joo

Pak, Chee-jing

Yi, Hak-een

Pak, No-yul
Pak, Chan-kyu
Pak, Shin-kyu

Cho, Cheen-hy

Notícias sobre o Templo

A partir deste número a revista "A Liahona" dará informações sobre assuntos referente à construção do Templo de São Paulo.

No momento em que redigíamos estas linhas estava para vir ao Brasil o engenheiro responsável pela magnífica arquitetura de nosso Templo.

O Élder Emil Fetzer veio ao Brasil para fazer os últimos acertos referentes às partes técnicas que envolvem a construção, ou seja, instalações elétricas,ar condicionado, instalações hidráulicas, acabamento em geral, em suma a planta definitiva do Templo, atendendo às exigências da Prefeitura do Município de São Paulo.

Das três plantas dos edifícios a serem construídos no terreno situado na Av. Francisco Morato 2.390, duas delas, das quais uma é a do Templo e a outra da capela da Ala V, que abrigará a sede da Estaca São Paulo, já foram devidamente encaminhadas às repartições legais para verificação e aprovação.

A terceira planta, que será a do Edifício dos Escritórios da Igreja, tem requerido maiores estudos e consultas aos vários departamentos sediados no Brasil, a fim de verificar as necessidades particulares de cada departamento.

O Élder James E. Faust, Assistente dos Doze, ao regressar da Conferência Geral da Igreja, realizada no mês passado em Salt Lake City, nos afirmou, com grande euforia, que a arquitetura interna do Templo é de extraordinária beleza. Não há pessoa mais entusiasta pelo nosso Templo do que o Élder Faust, e toda vez que conversamos a respeito do Templo, podemos ver o brilho de seus olhos e seu verdadeiro amor pelo Templo e pelos santos brasileiros.

A Missão de Construção, na pessoa do Élder Jensen, não mede esforços para que esta obra seja iniciada o mais rápido possível. Logo após a liberação das plantas será feita uma concorrência entre construtoras de gabarito para que seja apurada a que melhor reúne condições para a realização deste magnífico trabalho.

Conforme nos informou Élder Jensen, várias firmas construtoras estarão envolvidas neste grandioso projeto.

A limpeza de uma das partes do terreno terá início no dia 27 de outubro assim como o estaqueamento da nova Ala V e sede da Estaca São Paulo está prevista para dia 3 de novembro.

A construção do Templo se torna realidade para os Santos do Brasil a cada dia que passa.

É preciso que todos se unam num só pensamento, o de construir a casa do Senhor aqui em São Paulo.

Que todos se conscientizem de que esta é uma obra dedicada ao Pai Celestial e que não devemos poupar sacrifícios para a realização deste magnífico trabalho.

VOCÊ JÁ FEZ SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO?